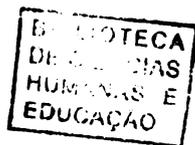




E-502

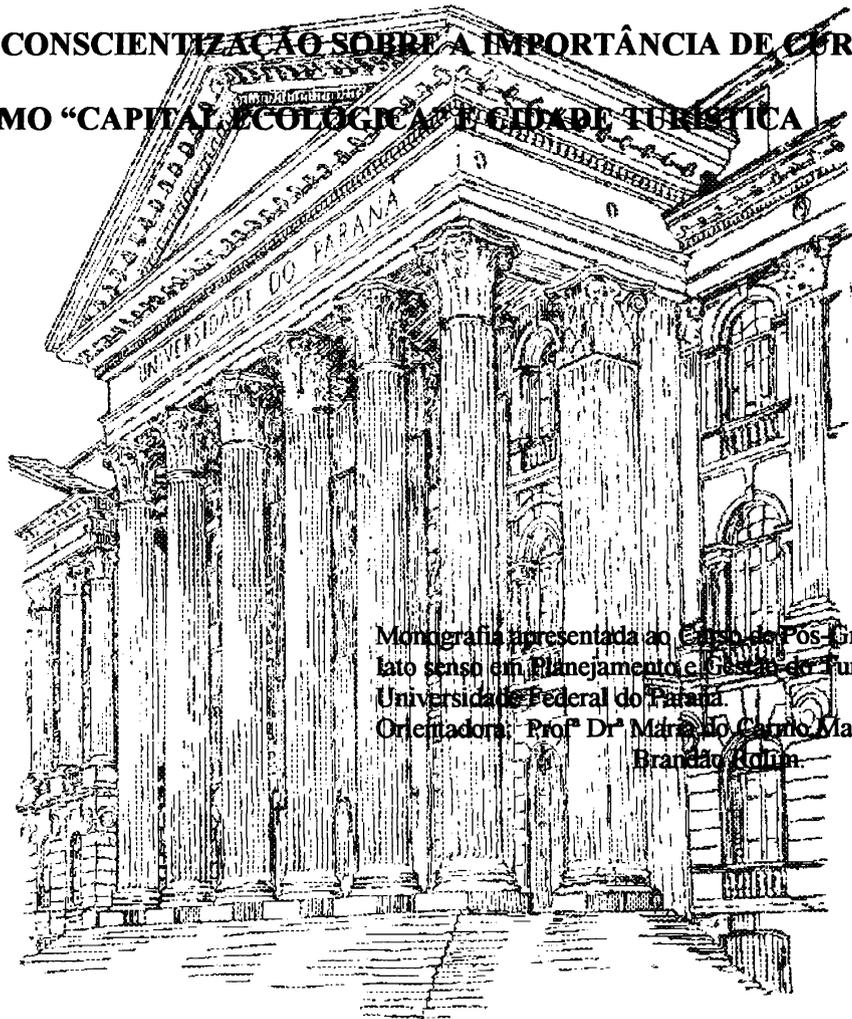


Nota 84 (Média)

Prof. Miguel Bahl

Coordenador do Curso de Especialização
em Planejamento e Gestão do Turismo,
UFPR - Matric. 09535

AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO E A CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CURITIBA
COMO “CAPITAL ECOLÓGICA” E CIDADÃO TURÍSTICA



Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação
Lato sensu em Planejamento e Gestão de Turismo,
Universidade Federal do Paraná.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia do Carmo Marcondes
Brandão Rolim.

DANIELLE DE MATTOS

**AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO E A CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CURITIBA
COMO “CAPITAL ECOLÓGICA” E CIDADE TURÍSTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-
Graduação lato senso em Planejamento e Gestão
do Turismo, Universidade Federal do Paraná.
Orientadora: Prof^ª Dra. Maria do Carmo
Marcondes Brandão Rolim.

CURITIBA

2000

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Rui e Gicélia, que tanto me incentivaram a buscar sempre mais o aperfeiçoamento pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

A meus pais pelo incentivo.

À querida amiga Olmara, ombro amigo nos momentos de desânimo.

Às professoras da RME, por colaborarem na realização da pesquisa.

À minha orientadora Professora Doutora Maria do Carmo Marcondes Brandão Rolim, pela orientação segura e profissional.

EPÍGRAFE

“O *Turismo* é uma *Universidade* em que o aluno nunca se gradua, é um *Templo* onde o suplicante cultua mas nunca vislumbra a imagem de sua veneração, é uma *Viagem* com destino sempre à frente mas jamais atingido. Haverá sempre discípulos, sempre contempladores, sempre errantes aventureiros.”

Lord Curzon (1859-1925)
Governador-Geral da Índia

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
EPÍGRAFE	iv
LISTA DE QUADROS	vi
LISTA DE GRÁFICOS	vii
RESUMO	viii
1 INTRODUÇÃO	01
2 REVISÃO DA LITERATURA	03
3 OS ALUNOS DA RME, O TURISMO E OS PASSEIOS EDUCATIVOS	14
4 METODOLOGIA	23
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
6 CONCLUSÕES	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Há quanto tempo você exerce a profissão de professora na RME ?	24
Tabela 2 – Qual a função que você exerce na escola?	25
Tabela 3 – Possui mais de 1 (um) padrão na Prefeitura Municipal de Curitiba?	26
Tabela 4 – Qual a sua formação?	27
Tabela 5 – Na Sua Opinião, as Professoras Fazem Bom Uso dos Passeios Educativos ao Longo do Ano Letivo?	28
Tabela 6 – Você, Professora, quando organiza um passeio, faz uma orientação prévia aos seus alunos? Eles já vão com um roteiro preestabelecido de pesquisa?	29
Tabela 7 – Na Sua Opinião, Qual a Importância do Desenvolvimento do Conceito de Cidadania e Consciência Ecológica nos Alunos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental?	30
Tabela 8 – Na Sua Escola, cidadania e ecologia são trabalhados de forma:	31
Tabela 9 – O Fato de Residirmos na Capital Ecológica , Ajuda no Trabalho Referente à Ecologia?	32
Tabela 10 – Curitiba é uma cidade turística. Você acha importante que os alunos tomem conhecimento do assunto, bem como conheçam, ao longo da vida escolar, os pontos atrativos da cidade, sua história e importância?	33
Tabela 11 – Você Acha que os Alunos da sua Escola Conhecem a Cidade Onde Vivem?	34
Tabela 12 – A SME Tem Algum Projeto Para as Escolas, Envolvendo o Deslocamento dos Alunos aos Pontos Turísticos e Ecológicos de Curitiba?	35
Tabela 13 – Na Sua Opinião, Você Acha que Passeios, com Roteiros de Lugares, Atividades e Conteúdos a Serem Desenvolvidos em Cada Local, Tornando o Deslocamento dos Alunos uma “ Aula Viva ”, Envolvendo Conceitos Básicos, Desde Cidadania e Ecologia Até a Importância da Cidade Ser Turística, Podem Ajudar no Trabalho do Professor em Sala de Aula?	36
Tabela 14 – Você Acha que o Número de Ônibus, Para Cada Escola, Destinado às Visitas Educacionais, é Suficiente?	37

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – TEMPO DE PROFISSÃO NA RME.....	24
GRÁFICO 2 – FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA RME.....	25
GRÁFICO 3 – NÚMERO DE PADRÕES NA RME.....	26
GRÁFICO 4 – FUNÇÃO DO PROFESSOR NA RME.....	27
GRÁFICO 5 – OPINIÃO SOBRE O USO DOS PASSEIOS ESCOLARES.....	28
GRÁFICO 6 – VOCÊ DÁ UM ORIENTAÇÃO PRÉVIA AOS ALUNOS?.....	29
GRÁFICO 7 – IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE ECOLOGIA E CIDADANIA AOS ALUNOS.....	30
GRÁFICO 8 – FORMA DE ABORDAGEM DE CIDADANIA E ECOLOGIA NA ESCOLA.....	31
GRÁFICO 9 – RESIDIR NA CAPITAL ECOLÓGICA AJUDA?.....	32
GRÁFICO 10 – IMPORTÂNCIA DOS ALUNOS CONHECEREM A CIDADE.....	33
GRÁFICO 11 – OS ALUNOS CONHECEM A CIDADE ONDE VIVEM?.....	34
GRÁFICO 12 – CONHECE PROJETO DA SME QUE LEVE OS ALUNOS A PONTOS TURÍSTICO/ECOLÓGICOS?.....	35
GRÁFICO 13 – PASSEIOS E “AULAS VIVAS” AJUDAM O TRABALHO DO PROFESSOR?.....	36
GRÁFICO 14 – VOCÊ ACHA QUE O NÚMERO DE ÔNIBUS PARA VISITAS EDUCACIONAIS É SUFICIENTE?.....	37

RESUMO

A monografia, que tem por título *As Séries Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino e a Conscientização sobre a Importância de Curitiba como “Capital Ecológica” e Cidade Turística*, aborda o tema Ecologia, Turismo e as Séries Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. A hipótese adotada pela pesquisa é a de que os passeios educativos podem auxiliar, eficientemente, na conscientização dos alunos da **RME** sobre a importância turística de Curitiba como a “Capital Ecológica”, e da necessidade de preservar o patrimônio ecológico, se tais passeios forem convenientemente adaptados a este propósito. A monografia objetiva verificar a opinião dos professores da **RME** sobre a importância da conscientização dos alunos acerca da preservação do patrimônio natural da cidade de Curitiba, além de estabelecer se os professores da **RME** conhecem projetos da **SME** sobre a participação de alunos da **RME** na preservação do meio ambiente. Além disso, a pesquisa busca averiguar a opinião dos professores da **RME** sobre os benefícios/prejuízos acarretados pelos passeios educativos ao ensino dos conteúdos programáticos dados em sala de aula. Baseando-se em pesquisa bibliográfica, a monografia analisa o processo de ensino-aprendizagem, para verificar a capacidade dos alunos em compreender conceitos sobre ecologia e turismo e engajar-se em projetos de preservação ambiental. Os motivos que levaram Curitiba a ser denominada “Capital Ecológica” e a prática do turismo (e seus efeitos positivos/negativos sobre os locais turísticos) também são objetos de exame. A pesquisa analisa o conceito de turismo, buscando formas de adequá-lo à compreensão dos alunos da **RME**. Finalmente, aplicou-se um questionário às professoras da **RME**, com o intuito de colher a opinião das mesmas sobre os temas investigados pela pesquisa. Concluiu-se pela necessidade de análise dos passeios escolares da **RME**, para transformá-los num apoio valioso à tarefa da escola de conscientizar os alunos sobre a importância de Curitiba como cidade turística e da necessidade de preservar-lhe o patrimônio.

Palavras-chaves: Turismo; Ecologia; Didática; Educação.

1 INTRODUÇÃO

A monografia aborda o tema **Ecologia, Turismo e as Séries Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Curitiba**, enfocando o seguinte problema: os passeios educativos realizados pelas escolas da Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba auxiliam a conscientizar os alunos sobre a necessidade de preservação do patrimônio ecológico da cidade?

A hipótese advogada pela monografia é a de que **os passeios educativos podem auxiliar, eficientemente, na conscientização dos alunos da RME sobre a importância turística de Curitiba como a “Capital Ecológica”, e da necessidade de preservar o patrimônio ecológico, se tais passeios forem convenientemente adaptados a este propósito.**

O objetivo principal da monografia é **verificar a opinião dos professores da RME sobre a importância da conscientização dos alunos acerca da preservação do patrimônio natural da cidade de Curitiba.**

Outros objetivos da pesquisa são:

— verificar se os professores da **RME** conhecem projetos da **SME** sobre a participação de alunos da **RME** na preservação do meio ambiente.

— verificar a opinião dos professores da **RME** sobre os benefícios/prejuízos acarretados pelos passeios educativos ao ensino dos conteúdos programáticos dados em sala de aula.

A revisão bibliográfica analisa, rapidamente, o processo de ensino-aprendizagem, como forma de estabelecer a capacidade dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental da **RME** em entender conceitos como ecologia e a importância turística de Curitiba, e engajar-se em projetos de defesa do patrimônio natural da cidade. Em seguida, é realizada uma breve exposição dos motivos que levaram Curitiba a ser denominada “Capital Ecológica” e da importância de se preservar seus recursos naturais. O prática do turismo, e seus efeitos positivos/negativos sobre os locais turísticos, também é objeto de exame.

Em capítulo à parte, os conceitos sobre o turismo e suas características são brevemente analisadas, com vistas a encontrar a melhor forma de repassar tais

conceitos, de forma didática, para a linguagem apropriada à faixa etária dos alunos da **RME**.

Finalmente, um questionário, composto por 14 perguntas fechadas que abordam os temas investigados pela monografia, é aplicado às professoras da **RME** que trabalham com as séries iniciais do Ensino Fundamental. A finalidade do questionário é traçar o perfil destas educadoras e colher suas impressões e sugestões acerca dos passeios escolares educativos, do ensino de conceitos como ecologia, e dos projetos da **SME** para o deslocamento dos alunos da **RME** aos locais de interesse turístico e ecológico.

A conscientização ecológica auxilia a sociedade a formar cidadãos conscientes da necessidade de preservar o patrimônio natural da cidade. Esta preservação afetaria diretamente a população, pois melhora o meio ambiente e ajuda a incentivar o turismo, o qual é uma fonte de renda para o Município, gerando muitos empregos diretos e indiretos. Se esta pesquisa auxiliar, de alguma forma, a melhorar a preservação do patrimônio ecológico de Curitiba e conscientizar os alunos da **RME** sobre a importância desta prática, sua elaboração já estará justificada.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Uma vez que a monografia enfoca as séries iniciais do Ensino Fundamental, nas quais o estudante começa a participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem, torna-se oportuna uma breve análise da forma como este processo ocorre nesta faixa etária.

Segundo WEISS (1992), a aprendizagem apresenta-se como um processo de **construção**, que ocorre por meio da **interação** permanente do sujeito com o meio que o cerca. A primeira forma de expressão deste meio é representada pela família e a interação que ocorre entre seus membros. Posteriormente, este papel será exercido pela escola, ressaltando-se que, em ambos, a influência da sociedade que os permeia é decisiva para sua moldagem.

A educação não começa na escola. Ela começa muito antes e é influenciada por muitos fatores. Ao longo do seu desenvolvimento físico e intelectual a criança passa por várias fases nas quais a escola da vida, isto é, o ambiente familiar, as condições sócio-econômicas da família, o lugar onde se mora, o acesso a meios de informação, têm uma importância muito grande. Os primeiros anos são decisivos: estudos demonstram que a criança tem sua estrutura básica de personalidade definida até os dois anos de idade, muito antes, portanto, do período da escola obrigatória. (CECCON, OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1992, p. 86)

A construção da aprendizagem dá-se sob a forma de estruturas complexas. Quando esta construção desenvolve-se de maneira normal e gradual, a busca do conhecimento funciona em situações abertas e fechadas, que se alternam até possibilitar a estabilização das condutas aprendidas. A situação aberta ocorre quando o contato com o objeto do conhecimento se dá de forma gradual, com a intermediação de outra pessoa (professor, pais). A situação fechada acontece quando o aprendente é deixado “a sós” com o objeto do conhecimento, cabendo a ele decidir como apropriar-se deste conhecimento. Quando ocorre de as situações permanecerem totalmente abertas ou, pelo contrário, totalmente fechadas, afloram as dificuldades de aprendizagem. WEISS (op. cit., p. 6-7) considera que: “A relação totalmente aberta com o objeto a ser conhecido cria uma reação de temor, gerando ansiedades e angústias básicas. O [temor] do aluno (aprendente) que não avança na construção do conhecimento pode apresentar condutas estereotipadas e regressivas.” A resultante estereotipada ou regressiva pode traduzir-se, ainda

segundo a autora, em freqüentes “casos de crianças que se recusam a aprender, ou seja, a ‘crescer’, permanecendo em condutas regredidas nas classes de pré-escola e de alfabetização sem se apossarem dos novos conhecimentos que lhe são oferecidos.” Por outro lado, nas relações totalmente fechadas o que ocorre à aprendizagem caracterizar-se-ia da seguinte forma:

A relação totalmente fechada, permanecendo muito tempo com o objeto do conhecimento, também pode ser angustiante para o aluno (aprendente) e ele sente a necessidade de passar incessantemente de um objeto a outro pelo simples fato de o ato de conhecer ter adquirido um significado negativo, agressivo, destrutivo, perseguidor. [...] A aprendizagem normal dá-se de forma integrada no aluno (aprendente) no seu pensar, sentir, falar e agir. Quando começam a aparecer dissociações de campo e sabe-se que o sujeito não tem danos orgânicos, pode-se pensar que estão se instalando dificuldades na aprendizagem: algo vai mal no pensar, na sua expressão, no agir sobre o mundo. É hora de pesquisar por onde está começando a fratura. (WEISS, 1992, p. 7)

A melhor forma de evitar que o contato com o objeto do conhecimento seja “traumático” para o aprendente é, na maior parte dos casos, promover a permuta de experiências que privilegiem a participação ativa bilateral na construção do conhecimento, isto é, que professor e aluno atuem juntos no exame daquilo que se deseja aprender. A relação do educador e dos educandos deve pautar-se na atenção para com o equilíbrio entre as situações abertas e fechadas, entre os desejos dos alunos e as exigências pedagógicas do professor.

Se de um lado o aluno é visto de um modo integrativo e participa da construção do conhecimento, de outro é indispensável uma transformação na postura do professor. É importante que o educador tenha os cuidados necessários para permitir que a autonomia do educando avance sem que ele, educador, se sinta ameaçado e não exija mais do que o aluno pode dar. Ao facilitar e organizar o processo produtivo de aprendizagem o educador deve assegurar a todos a **prática e a vivência**, a possibilidade de **observar e construir** o conhecimento. [esta alternância de relações abertas e fechadas com o objeto do conhecimento] atua não só no interior do aluno ao sensibilizar para a construção do conhecimento, levando em consideração os desejos do aluno, mas requer também uma transformação interna do professor. Para que o professor se torne um elemento facilitador que leve o educando ao desenvolvimento da autopercepção, percepção do mundo e do outro, integrando as três dimensões, deve estar aberto e atento para lidar com questões referentes ao respeito mútuo, relações de poder, limites e autoridade [sem grifos no original]. (FAGALI e VALE, 1993, p. 14)

Os demais profissionais da área de Educação (psicólogos, psicopedagogos, diretores e orientadores pedagógicos) podem oferecer um amplo respaldo à atuação do professor, ao discutir com este não somente as relações vinculares, mas aquelas que dizem respeito ao conteúdo, à atuação do educando, e às formas mais eficazes de avaliação da reação dos pais perante a nova postura da instituição de ensino. Assim respaldado, o educador tem condições de revisar periodicamente as relações

afetivas e as expectativas do aluno, além de poder aguardar a resposta do educando à nova situação, bem como a produção a ser desejada deste mesmo educando. Tudo isto o educador poderá fazer sem sentir-se tolhido pelas pressões e pela tensão da necessidade de resultados. É necessário, entretanto, salientar que todo este esforço por parte, tanto da direção da unidade de ensino, bem como do educador, só poderá ser coroado de êxito se ambos puderem contar com o apoio da Secretaria Municipal de Ensino, no sentido de terem acesso às condições físicas necessárias (salas de aula, material didático, possibilidade de deslocamento para fora do ambiente escolar, entre outros) para implantar a nova forma de ensino. A **SME** deverá comprometer-se de maneira ativa com este esforço e estar orientada para buscar o sucesso do novo enfoque dado ao processo pedagógico. Entretanto, qual é o desempenho que a **SME** deseja conseguir da escola e do professor no processo pedagógico de ensino-aprendizagem?

À escola cabe, como instituição responsável pela educação formal, cumprir a função social de possibilitar ao aluno o exercício das relações humanas que não estão ao seu alcance, pois é no **exercício dessas relações** que a aprendizagem se realiza. No processo pedagógico de ensino e de aprendizagem, o **exercício dessas relações** deverá constituir-se no fundamento básico desse processo no ambiente de sala de aula (ambiente de relações humanas), aquele que ensina (professor) deverá **instigar o raciocínio** daquele que aprende (aluno), propondo questões que possam levá-lo a refletir sobre os conteúdos propostos, questionando, investigando, explicando os temas que lhe são apresentados, desenvolvendo a sua capacidade de compreensão dos fatos humanos produzidos na prática social. A proposição de conteúdos programáticos significativos é requisito fundamental ao questionamento das relações sociais vividas pelos homens, dado o caráter histórico desses conteúdos que, ao serem trabalhados na relação entre sujeitos históricos — professores e alunos — são intermediados pelo ato do pensamento, da capacidade de criar e de interferir na história com seu pensar. Do papel decisivo que o professor tem na condução do processo pedagógico de ensino e de aprendizagem, constituído da intencionalidade de ensinar de modo que os alunos aprendam, depreende-se que, antes disso, a escola deve definir e assumir claramente o seu papel como instituição responsável pela execução do projeto social de levar qualitativamente a formação do seu aluno. Essa elevação qualitativa, que é o ponto de partida do processo educativo, será determinada na medida em que a escola promova, através de uma ação pedagógica planejada, as condições necessárias (acesso aos conteúdos, ou seja, às experiências vividas pelos homens) para que o aluno possa compreender que a realidade que ele vive é produção humana. Que ele possa compreender a sua dimensão humana, portanto, de sujeito da história com capacidade de agir nela porque pensa, porque reflete sobre a realidade [grifos do autor]. (CURITIBA, 1997, p. 4-5)

FAGALI e VALE (1993, p. 15) ressaltam, contudo, que, para este enfoque inovador do processo de ensino-aprendizagem dar frutos, o professor deverá estar apto a buscar as seguintes integrações:

- ◆ Necessidades do micro-mundo (informação voltada para os desejos do aluno e para o seu cotidiano e sensibilizações que o estimulem para articular o conteúdo). ↔ Necessidades do macro-mundo (informações universais sobre a cultura e as ciências);
- ◆ Mundo interno (desejos, fantasias e possibilidades). ↔ Mundo externo (exigências, solicitações e expectativas do meio cultural);
- ◆ Articulação do pensamento enquanto processo (operações mentais do raciocínio). ↔ Informações cumulativas (conteúdo programático);
- ◆ Interesses do aluno (preferências, estilos individuais). ↔ Objetivos do conteúdo programático (assimilação, criação, memorização, produção, compreensão).

O papel do professor e a qualidade do ambiente escolar exercem influência fundamental no desenvolvimento da aprendizagem, pois agem potencializando um espaço de troca, de estimulação e desafios para o aprendente. É necessário que o aluno encontre no ambiente escolar um local que lhe proporcione a continuidade no desenvolvimento, construção e reconstrução de hipóteses em relação aos objetos do conhecimento. O aluno necessita sentir-se amparado em seus momentos de dúvida, conflitos e questionamentos. É preciso também que o educando receba incentivo em relação às suas reflexões e estímulo quanto ao uso e desenvolvimento de suas potencialidades.

O aluno que apenas ouve, copia, repete, reproduz, faz prova e cola, não abandona a condição de objeto de domesticação. Precisa ser instigado, provocado, desafiado a contribuir, a desenvolver capacidade de raciocínio, de posicionamento. O professor, para tanto, carece capacitar-se a construir ambiente propício, dentro do qual cabe a aula, desde que instrumentadora da emancipação. É importante aprender a ler criticamente, estabelecendo com autores relacionamento dialético; postar-se na história como sujeito capaz de pensá-la e planejá-la; alcançar redação própria e expressar-se com desenvoltura; dominar conhecimentos e informações estratégicas do processo de transformação da realidade atual; começar a produzir alguma coisa, desde pequenas pesquisas, trabalhos em grupo, experimentos, algumas práticas, até elaborações mais exigentes, que já expressam capacidade de síntese, de compreensão global, de posicionamento crítico criativo; aprimorar habilidade metodológica para manejar e produzir conhecimento. (DEMO, 1993, p. 104)

Como destacou o autor acima, é pela experimentação, pela vivência do conteúdo programático que o aprendiz melhor se apropria do conhecimento. O aluno deve ter condições de entrar em contato com a realidade, com o meio que o cerca.

É justamente neste ponto que se insere a questão da dificuldade da aprendizagem. O que é imediatamente experimentado não precisa ser ensinado nem repetido para ser memorizado. Um choque elétrico, o calor da chama, o gosto bom do figo em caldas e catupiri que o Drummond tanto aprecia — aprendizagem imediata. Quanto mais separado da experiência um determinado conteúdo, maiores e mais complicadas as mediações verbais. Acontece que, com frequência, se processa uma separação definitiva entre o falado e o vivido, e a ciência se torna um jogo de conceitos: uma caricatura grotesca do jogo das contas de vidro do mundo da Castália, da novela de Hesse. (ALVES, 1989, p. 46-47)

Para VIGOTSKY (1988), o processo de desenvolvimento caracteriza-se pela apropriação ativa do conhecimento disponível no meio social em que a criança nasce. É preciso que ela aprenda e integre em sua maneira de pensar o conhecimento da sua cultura. O funcionamento intelectual mais complexo desenvolve-se em função de regulações e mediações realizadas por outras pessoas, que vão sendo gradualmente substituídas por auto-regulações.

(ZDP) [ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL] é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VIGOTSKY, 1988, p. 54)

Uma Proposta Pedagógica com base nesses conceitos, deverá construir atividades abrangentes que garantam o pleno desenvolvimento das potencialidades de construção do conhecimento e crescimento cognitivo e afetivo de todos os alunos. Tais propostas deverão facilitar a construção do conhecimento priorizando aspectos como:

— Desenvolvimento do raciocínio lógico — a participação ativa dos alunos na aprendizagem, fazendo perguntas e propondo soluções, pode ser incentivada mediante o estímulo à pesquisa e ao exercício do raciocínio em tarefas envolvendo a solução de problemas. Este tipo de atividade evita que ocorra uma concentração excessiva na aprendizagem baseada em fórmulas e na memorização, tanto de definições como de textos.

— Aumento da flexibilidade do pensamento — se o professor desempenhar o papel de mediador entre o aluno e o conhecimento, em situações que provoquem o desafio intelectual, auxiliará seus alunos a superar visões de mundo restritivas, individualistas ou autoritárias, surgindo, então, esquemas de significações mais flexíveis, complexos e criativos.

— Aumento da participação nas atividades grupais — no trabalho em equipe os alunos tornam-se mais conscientes de si mesmos, passam a aceitar críticas sobre suas próprias sugestões, dividem as tarefas com os colegas de grupo de maneira mais produtiva, defendem suas posições no grupo e, sobretudo, aprendem a compartilhar esforços com crianças diferentes na busca de objetivos comuns. É na interação professor-alunos e alunos-alunos que ocorre a construção e transformação do conhecimento dos alunos.

— Possibilidade de lidar com os próprios erros de forma produtiva — as “soluções erradas” dadas por uma criança a determinadas questões possibilitam perceber a forma por meio da qual ela pensa, formula hipóteses sobre determinados assuntos, opera cognitivamente os significados atribuídos a um determinado tema ou acontecimento. O professor pode fazer uso adequado de tais “erros”, quando os encara como sinais de uma estruturação em fase de construção, criando situações que conduzam a criança à reelaboração do problema que originou a “solução errada”.

As propostas que priorizam os aspectos acima, em parte ou no todo, deverão ser aplicadas pelo professor em sala de aula e fora dela (quando possível), após uma troca de idéias com os demais elementos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (equipe multidisciplinar). Este procedimento visa decidir quais propostas são passíveis de funcionar melhor, ou adaptar certos aspectos das mesmas à realidade da escola. A tarefa da equipe multidisciplinar, entre outras coisas, consiste em trabalhar de forma conjunta, visando descobrir juntos as respostas aos problemas de adaptação curricular a uma proposta pedagógica que **prime pela participação prática** dos alunos, pesquisando, testando e compartilhando as soluções encontradas. Agindo assim, a equipe estará

procedendo de forma semelhante à de um aluno na escola, cuja motivação maior seja a aprendizagem impulsionada pelo desejo e a possibilidade de **criar**.

A proposta pedagógica a ser implantada para garantir uma participação mais ativa da criança na aquisição do conhecimento deverá, acima de tudo, propiciar o contato com a realidade imediata que cerca o estudante. Por analogia, pode-se, talvez, comparar o “crescimento” do meio ambiente da criança com as ondas concêntricas provocadas pela pedra atirada no centro de um lago. O primeiro círculo representa o ambiente inicial da criança, isto é o lar e as casas de vizinhos e parentes. Um segundo círculo corresponderia ao que a criança experimenta na escola. Ali ela se depara com certas peculiaridades especiais, algumas bem diversas da realidade de sua própria casa, às quais ela deverá se adaptar, como obedecer a horários e regras geralmente bem mais inflexíveis. O terceiro círculo é representado pela sociedade local: o bairro onde a escola se localiza e as regiões urbana e rural da cidade. É na escola que o aluno deve ser preparado para tomar conhecimento das leis e regras que o convívio em sociedade exige e impõe, como, por exemplo, o caso do respeito às regras de trânsito.

Após analisar brevemente o processo de ensino-aprendizagem, convém examinar, da mesma forma, este terceiro “círculo”, tão importante na vida do aluno da **RME**: a cidade de Curitiba, sua fundação e as características que levaram-na a tornar-se a “Capital Ecológica”.

Historicamente, Curitiba surgiu, de acordo com dados do **Guia Técnico de Turismo** (1997), às margens do rio Atuba, a partir de um núcleo estabelecido ali por Eleodoro Ébano Pereira, sendo transferido, posteriormente, para o local onde se encontra, atualmente, a praça Tiradentes. Ali cresceria a Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (fundada oficialmente em 29 de março de 1693). Foi esta vila que, em 1842, ascendeu à categoria de cidade com o nome de Curitiba, sendo elevada a Capital do Estado do Paraná em 29 de agosto de 1853.

Curitiba possui várias características que a tornam atraente para a prática do turismo. Sua população foi formada por diversas etnias que nela se estabeleceram ao longo do tempo, como os poloneses, alemães, italianos, ucranianos, franceses, ingleses, holandeses, japoneses, sírio-libaneses e judeus. Localizada no sul do Estado do Paraná, a cerca de 908 m de altitude, numa área de 432 km², Curitiba

apresenta um clima temperado, quente no verão e frio no inverno, com incidências de geadas. A temperatura média no verão é de 20,4° C e 12,7° C no inverno.

No campo econômico, Curitiba é privilegiada, pois estudos demonstraram que ela é a cidade mais adequada para se fazer negócios em todo o país.

Curitiba foi, junto com Brasília, a cidade que mais cresceu na década de 90. Até o final do ano passado [1999], o crescimento médio da população era de 2,6% ao ano — o que não impede os curitibanos de continuarem vivendo muito bem. O potencial de consumo alcança um índice anual de US\$ 4.768 por pessoa, enquanto a média nacional é de US\$ 2.800. o tempo médio de estudos entre chefes de família é de 8,6 anos, contra 6,6 anos no resto do país. [...] A Grande Curitiba, formada por 27 municípios, incluindo a capital, num total de 2,4 milhões de habitantes, não pára de crescer, seja na indústria, no comércio, nos negócios ou no turismo. Segundo o jornal *Gazeta Mercantil*, Curitiba ocupa o 15º lugar entre os municípios mais dinâmicos do país. Um estudo da revista *Exame*, em parceria com a Simonsen Associados, de São Paulo, chegou à conclusão de que é a melhor cidade para se fazer negócios em todo o Brasil. [...] Curitiba vem mantendo suas taxas de crescimento acima da média brasileira. Em 1997, por exemplo, a taxa de crescimento econômico da cidade foi de 4,17% contra 3,3% do índice nacional. A Grande Curitiba responde por 37,5% da economia paranaense. De 1996 para cá, a região metropolitana atraiu R\$ 8 bilhões dos R\$ 12 bilhões investidos no Estado. Nos dois últimos anos, as montadoras de carros transformaram a região no segundo maior pólo automobilístico do país, atrás apenas do ABC paulista. A indústria de informática também surpreende: a cidade é o segundo pólo brasileiro na área de desenvolvimento de softwares [grifos no original]. (CAMARGO, 2000, p. 15)

São os negócios e os eventos levados a cabo em Curitiba que atraem a maior parte dos turistas que a visitam.

A maior parte dos turistas vêm a Curitiba para negócios e eventos. Em 1997, segundo pesquisa do Paraná Turismo, 35,5% dos 1,1 milhão de pessoas que visitaram Curitiba vieram para cá por este motivo. São Paulo lidera a lista de procedência. Eles foram 33% do total de brasileiros que visitaram a cidade. Entre os estrangeiros, os argentinos lideram com 17% do total, seguidos pelos norte-americanos com 15%, paraguaios e alemães com 12% e 10%, respectivamente. Na pesquisa com os turistas, a cidade teve uma aprovação de 88%: eles a consideraram segura e elogiaram seus hotéis, restaurantes, agências de viagem, serviços de telefonia, saúde e táxi. (CAMARGO, 2000, p. 16)

A própria história da cidade é fonte de interesse turístico, pois vários fatos históricos relevantes para o desenvolvimento do Paraná ocorreram na cidade. O projeto **Linha Pinhão — Pegadas da Memória** (1996, p. 1-24), um roteiro cultural e histórico para conhecer Curitiba a pé, inaugurado em 1993, durante as festividades dos 300 anos da fundação da cidade, destaca acontecimentos históricos importantes para a cidade e o Estado. Exemplo disso, é a Praça do Observatório, ponto de observação da passagem das tropas da Revolução Federalista de 1893, iniciada no

Rio Grande do Sul, e cujo ápice, no Paraná, foi o Cerco da Lapa. As arcadas da inacabada Igreja de São Francisco de Paula, mais conhecidas como Ruínas de São Francisco, cercada de lendas e histórias sobre túneis e piratas, também faz parte deste acervo histórico, tendo sido reciclada e revitalizada com comércio típico sob as arcadas e espetáculos no palco, com arquibancadas ao ar livre. Além disso, museus abrigam diversas peças que recontam a história do Estado, como o Museu Paranaense, que já foi o Paço Municipal.

Curitiba obtém grande destaque nacional e internacional, devido, principalmente, à sua preocupação com o meio ambiente. Os anos 90 caracterizaram-se por refletir as preocupações mundiais em torno da questão ambiental. Neste período pode-se observar o surgimento das principais legislações ambientais do Município. Com o objetivo de consolidar as conquistas alcançadas nas últimas décadas, associando cada vez mais o planejamento urbano com o suporte físico natural, a Cidade define sua Política Ambiental, que passa a ser implementada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente. A defesa do ambiente natural assumiu proporção de Programa de Governo.

Dentre as principais Legislações deste período, destacamos a Lei 7.833/91 que define a política de proteção, conservação e recuperação do meio ambiente. Caracteriza-se por reafirmar e unificar conceitos, normas e exigências que já vinham sendo praticadas isoladamente. Paralelamente, estabeleceu o caráter multidisciplinar para o tratamento das questões ambientais, dando ênfase para a Gestão Ambiental. Assegurou a participação popular no processo de garantia da qualidade ambiental. Determinou ao Município a obrigatoriedade de executar o monitoramento das condições ambientais. Outros aspectos importantes a serem ressaltados são a questão do licenciamento prévio para atividades capazes de provocar degradação ambiental, e a questão da Educação Ambiental que ao nível formal passa a ser tratada de forma interdisciplinar, permeando todo o currículo das Escolas da Rede Municipal de Ensino, e em um nível informal assume o compromisso de despertar em toda a sociedade a importância da preservação dos recursos naturais e da qualidade do meio ambiente urbano. Este importante rol de Legislações Ambientais possibilita a atuação efetiva da Secretaria Municipal do Meio Ambiente na consecução dos objetivos definidos pela Política Municipal do Meio Ambiente, garantindo à Administração Municipal o êxito no trato do ambiente urbano, associado harmonicamente ao desenvolvimento econômico e social com a preservação da qualidade ambiental. O desafio do próximo milênio é a conquista do desenvolvimento sustentável. (LEGISLAÇÃO AMBIENTAL, 2001)

Curitiba ganhou fama nacional e internacional devido ao prêmio recebido da ONU em 1990, mas não parou por aí. Novos projetos de defesa do patrimônio ecológico foram desenvolvidos, como o da preservação dos rios, com a maioria dos

parques da cidade sendo localizados em fundos de vale, protegendo as margens dos rios e lagos, e evitando a ocupação predatória destas margens.

Curitiba é a cidade brasileira que tem a maior área verde por habitante — 55,09 m² em aproximadamente 81 milhões m². Cidade pioneira na implantação da coleta seletiva de lixo no País, Curitiba hoje separa 13% de seu lixo e ocupa também o primeiro lugar entre as quatro cidades brasileiras que já separam o lixo reciclável biodegradável (lata, vidro, metal, plástico, papel), seguida de Porto Alegre (5%), Florianópolis (4%) e São Paulo (a maior cidade brasileira separa apenas 1% do que recolhe). Destacado pela ONU, em 1990, com o prêmio máximo do meio ambiente o *United Nations Environment Program (UNEP)*, o programa *Lixo que não é Lixo* conseguiu a separação de 419 mil toneladas de lixo reciclável desde sua implantação, em 1989. Este volume seria suficiente para encher 1,2 mil prédios de 20 andares, com 280 metros quadrados de área cada. O lixo inorgânico (plástico, papel, vidro e alumínio) representa 13% de todo o resíduo coletado na cidade. Em sua nova fase, o *Lixo que não é Lixo* está sendo estendido a 13 municípios da Grande Curitiba. A Prefeitura entende que esta ampliação é fundamental para a preservação dos mananciais de água que abastecem Curitiba. A preservação das áreas verdes é um outro instrumento importante da política municipal de meio ambiente e saneamento. Os 80.753.958,41 metros quadrados de áreas verdes (parques, bosques, jardins e praças) preservadas dentro do perímetro urbano são freqüentados por mais de 150 mil pessoas nos finais de semana. Estas opções de lazer representam qualidade de vida e principalmente o equilíbrio das relações da cidade com o seu meio ambiente. A maioria dos parques de Curitiba, chamados de parques lineares, são implantados ao longo dos rios e em fundos de vale. Funcionam como uma espécie de barreira para impedir a ocupação indevida dessas áreas, sujeitas a enchentes, e para livrar os rios e córregos do risco de se tomarem depósitos de lixo. Os lagos dos parques servem para conter as enchentes e funcionam como reguladores da vazão das águas em épocas de chuva. O interesse da população em preservar o meio ambiente aumenta proporcionalmente aos benefícios gerados pelos programas ambientais. (LIXO DE CURITIBA, 2001)

Os cuidados de Curitiba com o meio ambiente atraem os turistas nacionais e estrangeiros. O turismo, seja qual for a sua motivação, traz muitos benefícios para a região visitada.

Vale destacar que o Turismo é um eficiente meio para:

1. promover a difusão de informação sobre uma determinada região ou localidade, seus valores naturais, culturais e sociais;
2. abrir novas perspectivas sociais como resultado do desenvolvimento econômico e cultural da região;
3. integrar socialmente, incrementar (em determinados casos) a consciência nacional;
4. desenvolver a criatividade em vários campos;
5. promover o sentimento de liberdade mediante a abertura ao mundo, estabelecendo ou estendendo os contatos culturais, estimulando o interesse pelas viagens turísticas. (BENI, 2001, p. 39)

Entretanto, não é menos verdade que o mesmo turismo pode provocar diversos prejuízos no local turístico.

O Turismo, por outro lado, pode provocar, no meio visitado, os seguintes prejuízos:

1. degradação e destruição dos recursos naturais;
 2. perda da autenticidade da cultura local;
 3. descrição estereotipada e falsa do turista e do país ou região de que procede, por falta de informação adequada;
 4. ausência de perspectivas para aqueles grupos da população local das áreas de destinação turística, que não obtêm benefícios diretos das visitas dos turistas ou do próprio Sistema de Turismo da localidade;
 5. aparecimento de fenômenos de disfunção social na família, patologia no processo de socialização, desintegração da comunidade;
 6. dependência do capital estrangeiro ou de estereótipos existentes em face do Turismo.
- (BENI, 2001, p. 39)

Dos prejuízos causados pelo turismo, o que se refere à degradação e destruição dos recursos naturais é, sem dúvida, o mais visível, posto que os demais estão sujeitos a interpretações subjetivas. Para enfrentar o problema da degradação/destruição do meio ambiente é preciso contar com o apoio de toda a sociedade curitibana, e os alunos da **RME** podem desempenhar um papel importante nesta empreitada. Para tanto, é necessário que estes sejam instruídos sobre o significado do turismo para a cidade e as conseqüências (boas ou más) que o mesmo acarreta.

A análise do processo de ensino-aprendizagem demonstrou que as crianças, em geral, possuem o desejo de participar de forma prática na aquisição do conhecimento e, portanto, estão aptas a entender e participar ativamente de projetos escolares que envolvam a melhoria da qualidade de vida da cidade onde vivem. Ficou demonstrado, também, que Curitiba apresenta diversas características, físicas ou não, que lhe permitem ser um pólo de atração de turistas nacionais e estrangeiros. O cuidado com o meio ambiente é um dos fatores que mais atraem os turistas e, assim, a preservação do patrimônio ecológico assume uma importância muito grande para Curitiba. Como explicar aos alunos da **RME** o que é turismo e quais suas implicações para Curitiba? Encontrar formas de sanar este problema é o objetivo do próximo item desta pesquisa.

3 OS ALUNOS DA RME, O TURISMO E OS PASSEIOS EDUCATIVOS

É na etapa correspondente ao terceiro “círculo”, mencionado no capítulo anterior, que a criança tem a oportunidade de entrar em contato com os aspectos mais simples do turismo. Embora não possa compreender as definições técnicas do fenômeno turístico, nem a complexidade do mesmo, ela poderá ser orientada sobre a importância social e econômica do turismo para sua cidade.

Um dos grandes problemas para a conscientização do aluno sobre a importância do turismo é justamente a dificuldade de traduzir, para a linguagem infantil, o que seja turismo, uma vez que, mesmo no mundo adulto, tal definição é problemática.

A complexidade do fenômeno turístico dificulta a escolha de uma definição única e apropriada para este termo. Existe grande divergência entre os autores da área, os quais, geralmente, preferem abordar somente certos aspectos específicos do turismo a aventurar-se numa tentativa de definição. Apesar da grande variedade de abordagens do fenômeno turístico é possível encontrar pontos em comum entre estas, e extrair uma definição breve e aceitável (e apropriada ao estudo proposto nesta monografia) de turismo.

Em primeiro lugar, turismo implica em **deslocamento**. É indispensável ao turismo este circuito de ida e volta da (s) pessoa (s) a determinado local e posterior regresso ao ponto de partida. O período de tempo da **permanência** do turista no local de visitação é uma das variáveis que compõem o fenômeno, e dá origem a outras, como a necessidade de equipamento receptivo no local de destino (hotéis, estâncias, pensões, entre outros). Uma consequência lógica e natural da variável anterior é a **temporalidade**, isto é, a avaliação do tempo transcorrido entre a ida ao local de destino e a volta ao ponto inicial. Este fator serve, por exemplo, para diferenciar um turista de um emigrante e/ou imigrante.

As peculiaridades descritas são desencadeadas pela presença do homem como ponto de partida do turismo. São suas necessidades, desejos e possibilidades materiais que determinam as características que determinado aspecto do turismo deverá assumir. Assim, as motivações para a realização do turismo são importantíssimas para compreender a evolução do mesmo.

Analisando os diversos conceitos sobre turismo é possível perceber a grande diversidade entre os mesmos, embora todos apresentem certos traços em comum. Dessa forma, nota-se que todos os autores mencionam a motivação do turista, o deslocamento do mesmo de seu local de origem, e o tempo gasto com o deslocamento e a estadia no local visitado.

Tour, segundo a maioria dos dicionários, procede do inglês do século XVIII, provavelmente como um galicismo do francês *tour*, sendo que ambas, independentemente da ordem cronológica, tiveram suas raízes do Latim *tornus* (retorno) como substantivo e *tornare* (voltar, retornar, andar em torno) no Latim vulgar – girar, como verbo. No pequeno dicionário de Inglês – *Oxford*, encontram-se as definições: Turista – Pessoa que faz *tour* ou *tours*, subst., pessoa que faz *tour* por recreação; pessoa que viaja por prazer ou cultura, visitando certo número de locais, objetos de interesse, paisagem ou por prazer. (1800). Turismo – Teoria e prática do *tour*; viagem por prazer. Uso depreciativo. (1811) a análise do Turismo encontra seu ponto de partida com o advento da Escola Berlinesa, onde Gluckmann definiu o Turismo como ‘Uma transposição do espaço por pessoas que afluem a um sítio onde não possuem lugar fixo de residência’. [...] Arthur Bormann, também da Escola Berlinesa, em 1930 afirmava: ‘Turismo é o conjunto de viagens cujo objeto é prazer, ou motivos comerciais, profissionais ou análogos, e durante as quais a ausência da residência habitual é temporária.’ (GADOTTI, 1978, p. 05)

GOMIDE (1972, p. 15), por sua vez, argumenta que: ‘Turismo é caracterizado como uma jornada curta, feita a alguns lugares determinados – com exploração histórica, social, cultural, visual, de interesse – e após se retorna ao local de início”

Alguns autores preferem abandonar a definição mais técnica e preferem demonstrar como a complexidade do fenômeno turístico dificulta a elaboração de uma definição final do que seja realmente turismo.

Tenho conceituado Turismo como um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos. (BENI, 2001, p. 37)

Apesar de ter emitido sua própria definição, o autor acima reforça a dificuldade de se conceituar o turismo, devido à abrangência e extensão do mesmo.

[...] há tantas definições de turismo quanto autores que tratam do assunto. Mas quanto maior o número de pesquisadores que se preocupam em estudá-lo, tanto mais evidentes se apresentarão a amplitude e a extensão do fenômeno do Turismo e tanto mais insuficientes e imprecisas serão as definições existentes. Muitos autores chegam a considerar a extrema dificuldade para uma definição precisa e abrangente de turismo, levando em conta que o fenômeno é tão grande e complexo que se torna praticamente impossível expressá-lo corretamente e, por isso, preferem observar seus aspectos parciais ou, pelo menos, algumas de suas realidades isoladas. (BENI, 2001, p. 36-37)

Esta dificuldade em definir turismo acaba resultando na necessidade de criar um “amálgama” a partir das opiniões existentes e adaptá-la ao nível de linguagem e compreensão próprias da faixa etária dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental da **RME** (seis a doze anos). Tal definição não tem a pretensão de ser um paradigma a ser seguido por todos os professores da **RME**, mas apenas um guia, um parâmetro, para orientar os educadores na hora de elaborarem suas definições particulares do que seja o fenômeno turístico.

Assim, turismo seria “uma pequena viagem, que algumas pessoas fazem por prazer, para apreciar a história, a cultura, a paisagem ou a comida típica de um certo lugar”. É claro que esta “definição” não é precisa, pois deixa de abordar diversos aspectos do fenômeno turístico, como, por exemplo, o período de permanência do turista no local visitado. Entretanto, para a criança é suficiente saber que o turista que chega à nossa cidade é como “alguém que nos visita e precisa ser bem recebido, para que conte aos outros que nossa casa é bonita, que as pessoas que nela moram são bem educadas, e acabe voltando mais vezes”. Mesmo o aspecto econômico pode ser ressaltado ao informar o aluno que “o dinheiro que o turista gasta na nossa cidade pode ser usado para deixar a cidade ainda mais bonita e limpa, e garantir trabalho para muitos pais de família, combatendo a pobreza e a violência”.

É sempre bom repetir que esta “definição” de turismo e turista é um simples exemplo, que pode ser adaptado de acordo com o conhecimento que o professor possui da capacidade de compreensão de seus alunos. As frases acima podem ser eficientes para uma criança de seis anos, mas não para uma de onze ou doze.

Como visto anteriormente, o ponto de referência do processo de ensino-aprendizagem é o professor. É ele quem tem a tarefa de auxiliar gradativamente, mas de modo seguro, os alunos a se apropriarem do conhecimento em relação ao turismo. Para isso, porém, precisam contar com o apoio de outros envolvidos no

processo educativo, como os psicólogos, psicopedagogos, diretores e orientadores pedagógicos, os dirigentes da **RME** e os da **SME**. Mesmo a comunidade acadêmica pode e deve ser chamada a colaborar. A universidade pode auxiliar os professores da **RME** na tarefa de sensibilizar os alunos para os problemas ambientais e a importância do turismo para a cidade. Este tipo de iniciativa das universidades já foi realizado, com sucesso, no Rio de Janeiro.

Antes mesmo do desastre ecológico na Baía de Guanabara, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) resolveu sair na frente e **capacitar os professores da rede pública de ensino para atuar na preservação da área**. O **Curso de Educação para a Gestão Ambiental** tem por objetivo orientar os professores dos municípios em torno da Baía para sensibilizar e chamar a atenção de suas comunidades para os problemas ambientais. Desde sua criação em 1998, o curso de 390 horas/aula já preparou cerca de 500 professores de 186 escolas nos municípios de Caxias, Belfort Roxo, Niterói, Nova Iguaçu, São João do Meriti e Rio de Janeiro. 'O meio natural e o social estão interligados. Indiretamente, vamos conscientizar mais de 100 mil alunos de que não se pode assorear, desmatar ou jogar lixo nas imediações da Baía', diz o coordenador-geral do projeto, professor Carlos Eduardo Santos. Ele explica: 'A meta é ampliar as áreas de ação para a gestão ambiental. Para isso, formamos de uma vez vários orientadores em áreas de carência'. Além de atender a uma demanda dos professores, o curso, hoje, tem o reconhecimento de pós-graduação. Quem participou garante que as orientações chegam às comunidades com eficácia e rapidez [...]. (SANTOS, 2000, p. 10)

As escolas da **RME** costumam realizar um ou dois passeios educativos anualmente, por turma. A Secretaria Municipal de Educação fornece um certo número de ônibus para o deslocamento dos alunos e professores ao local a ser visitado: um parque ou bosque, a Biblioteca Pública do Paraná, ou as Ruínas do São Francisco, entre outros. Na verdade, o passeio, na maioria esmagadora das vezes, nada tem de educativo, tornando-se um grande "recreio" ao ar livre, uma chance da professora relaxar um pouco enquanto os alunos "esticam as pernas" e correm pelos gramados, gritando e brincando.

A razão disso é a ausência de um roteiro de atividades a serem desenvolvidas pelas professoras no local de visita. Como atrair a atenção dos alunos para a importância histórica das Ruínas de São Francisco se a própria professora nada conhece da história e das lendas que cercam o lugar? De que adianta levá-los ao Largo da Ordem, se a professora não tem como explicar-lhes (por desconhecer tal fato) que o antigo bebedouro ali presente matava a sede dos tropeiros que faziam o **Caminho do Viamão** (do Rio grande do Sul até Minas Gerais)? O mesmo ocorre com os parques e bosques. Como conscientizar os

alunos sobre as formas de preservar o meio ambiente se o próprio professor nada, ou quase nada sabe sobre o assunto? A preparação de um roteiro de atividades, específico para o local visitado, que leve em conta aspectos como o tempo disponível para a realização da atividade, a natureza da atividade (dança, canto, retirada de lixo dos caminhos, ou plantar mudas de árvores) e os recursos disponíveis (cartazes, instrumentos musicais ou cestas e sacos de lixo) para desenvolver a atividade evitariam a repetição constante de um “passeio” maçante, repetitivo, que desperta nos alunos somente o desejo de que tudo acabe logo.

Os passeios educativos seriam melhor aproveitados se, pouco antes do embarque nos ônibus os alunos assistissem (quando a ênfase do passeio fosse a natureza, por exemplo) a breves palestras de pessoas ligadas à proteção do meio ambiente, descrevendo, com o auxílio de cartazes, as características do local a ser visitado.

A falta de elaboração de um roteiro pré-estabelecido de atividades acaba causando um atraso maior na compreensão dos conteúdos do que a permanência pura e simples dos alunos em sala de aula.

[...] Quando a extensão verbal é ampla, dá-se uma das formas mais tristes e supérfluas de **arremedo de estudos** ou de meios de se levar alguém ao conhecimento, através da **massificação**, dos **roteiros malfeitos** e das **viagens apressadas**, especialmente em termos de turismo externo, programado ou executado por empresas irresponsáveis ou exercido por turistas culturalmente subdesenvolvidos [sem grifos no original]. (ANDRADE, 1999, p. 72-73)

Não é objetivo da monografia estabelecer parâmetros para a realização dos roteiros a serem seguidos durante os passeios, mas tão somente colaborar na discussão sobre a melhor forma de empregar os passeios educativos realizados pelas escolas da **RME**. Certamente, uma melhor utilização do tempo gasto fora da sala de aula redundará em maiores benefícios para o processo de aprendizagem e contribuirá para aumentar o interesse dos alunos em participar das atividades fora do ambiente escolar.

Para extrair um melhor resultado dos passeios educativos, é necessário que os mesmos sejam melhor planejados. Um esforço conjunto dos interessados: professores e diretores da **RME**, psicopedagogos, psicólogos, representantes da **SME** e da Prefeitura Municipal e da comunidade acadêmica da cidade pode produzir

um roteiro seguro e preciso a ser seguido pelos educadores na orientação das atividades a serem desenvolvidas no local de visitação. A palavra-chave, portanto, parece ser **planejamento**, ressaltando-se o fato de que este planejamento deve ser constantemente reformulado, adequado às dificuldades que surgirem.

O planejamento é uma atividade, não algo est tico, é um devir, um acontecer de muitos fatores concomitantes, que têm de ser coordenados para se alcançar um objetivo que está em outro tempo. Sendo um processo dinâmico,   lícita a permanente revisão, a corre o de rumo, pois exige um repensar constante, mesmo após a concretiza o dos objetivos. [...] Um planejador não pode trabalhar na base do método empírico, "vamos fazer e ver no que vai dar"; antes de fazer, é preciso um estudo aprofundado de todo o contexto presente, da conjuntura socioecon mica em que o planejamento está inserido, assim como do próprio planejador. [...] O planejamento requer compreensão dos problemas e distribui o harm nica das especialidades, requer CONHECIMENTO. (BARRETO, 1991, p. 12-14)

Como bem destaca a autora acima, o planejamento requer conhecimento. No caso dos passeios educativos, não há ninguém mais indicado para falar sobre os problemas que a falta de um roteiro de atividades a serem desenvolvidas no local de visita o acarreta. As professoras da **RME** têm um contato direto e constante com os alunos, conhecendo a fundo a capacidade de absor o de conhecimentos que estes apresentam, além do nível de aten o e interesse que eles podem dispensar a um determinado projeto ou atividade.

Para compreender melhor como ocorre esta intera o entre professoras e alunos das séries iniciais do Ensino fundamental, convém examinar como funciona o esquema de trabalho das educadoras e a hierarquia existente no corpo docente da **RME**.

A Regente de classe é considerada a "dona" da turma.   ela que trabalha todos os dias com os alunos, ministrando todas as disciplinas gerais (Português, Matemática, História, Geografia e Ciências). As professoras auxiliares lecionam uma disciplina específica, embora o façam em todas as séries do Ensino Fundamental (Educa o Física, Educa o Artística, Ensino Religioso, Literatura — uma auxiliar para cada disciplina). Finalmente, as Co-Regentes auxiliam a professora regente nas dificuldades que esta encontra com os alunos, mas não é a "titular", agindo como um reforço paralelo para a Regente de Classe.

O trabalho das professoras é regido pelo sistema de padrões, denominando-se padrão o concurso público realizado pela professora, que a habilita a trabalhar

um período de quatro horas diárias em sala de aula. Além disso, existe o **RIT**, ou Regime Integral de Trabalho, um contrato de trabalho que é celebrado entre escolas da RME e professoras que já possuem um padrão. Este contrato equivale a um trabalho de quatro horas diárias, mas não inclui certos direitos trabalhistas, como Férias ou FGTS.

Como não há dados precisos sobre o número de professoras que cumprem um **RIT**, além de seu padrão normal, pode-se afirmar apenas que as professoras passam um mínimo de quatro horas diárias com os alunos da **RME**, o que permite que elas possam conhecer a fundo os problemas e potencialidades que suas classes apresentam. Isto torna não só confiável, mas mesmo indispensável, a participação das professoras na elaboração e adequação de roteiros de atividades para os passeios educativos.

A análise do processo de ensino-aprendizagem mostrou que as crianças, em geral, têm grande capacidade de responder a estímulos e atividades práticas que lhes despertem o interesse. Como forma de confirmar esta realidade, convém apresentar alguns exemplos de projetos bem sucedidos sobre questões sociais e de defesa do meio ambiente e que envolvem a participação de alunos.

O bom exemplo de Curitiba influenciou outras cidades paranaenses, que também passaram a fomentar programas sociais e de preservação ambiental. Muitas delas, como Arapongas, perceberam a importância de contar com o apoio e a colaboração dos alunos (escolas públicas ou privadas), na defesa dos recursos naturais e na conscientização da comunidade sobre a importância de preservá-los.

Inédito no Brasil em nível de município, o Projeto Manifesto à Vida, lançado no final do ano passado em Arapongas, visa em linhas gerais estabelecer na prática maior integração humana com o meio ambiente. Elaborado pela secretária de Desenvolvimento Urbano e Rural, Irondi Pugliesi, o programa prevê a criação de quatro parques ambientais, a reconstituição de matas ciliares e florestas nativas, conservação do solo, preservação dos recursos hídricos e da qualidade do ar. O prefeito Waldir Pugliesi ressalta que 'devemos ter a coragem de defender a água, o ar e as matas, enfrentando os problemas com responsabilidade: a proposta é envolver toda a sociedade, principalmente as crianças'. [...] Outro trabalho importante ligado ao meio ambiente é o projeto Reciclar na Escola. Alunos dos estabelecimentos de ensino recolhem lixo reciclável e depois vendem este material. O dinheiro obtido é revertido de acordo com as prioridades definidas em cada escola. Irondi Pugliesi observa que o Reciclar na Escola é o primeiro passo para estender o projeto aos demais setores da comunidade. 'Nós não queremos um mundo com gente queimando matas, matando rios e poluindo o ar. Queremos um mundo melhor para todos, por isso a participação de todos é de fundamental importância' – assinala o prefeito Waldir Pugliesi. (PUGLIESI, 2000, P. 38)

Outro projeto curitibano, o **Câmbio Verde**, envolve troca de lixo reciclável por alimentos e materiais escolares. Já o **Programa Olho d'água**, visa avaliar e melhorar a qualidade da água dos rios da cidade, envolvendo a participação direta dos alunos da **RME**.

O **Câmbio Verde**, por exemplo, já troca lixo reciclável por sacolas de alimentos, material e livros escolares e brinquedos. No programa **Olho D'Água** a comunidade participa ativamente, praticando atividades de educação ambiental. Os 2,6 mil alunos de escolas municipais fazem um levantamento completo sobre a situação dos rios através da análise da água. A idéia é avaliar e intervir inclusive com obras físicas para recuperar a qualidade da água [sem grifos no original]. (LIXO DE CURITIBA, 2001)

O projeto **Vamos Adotar um Bosque**, desenvolvido pelo Colégio Estadual Pinheiro do Paraná (Santa Felicidade) é um ótimo exemplo de como um esforço para preservar o meio ambiente não precisa, para iniciar suas atividades, receber auxílio imediato dos órgãos governamentais. A iniciativa do Colégio apresentou resultados tão bons que suscitou a aprovação de um projeto na Prefeitura Municipal de Curitiba para estruturar a área verde em questão.

O bosque Pinheiros é uma área verde de aproximadamente 1 ha localizado ao lado do colégio Estadual Pinheiro do Paraná em Santa Felicidade – Curitiba – PR. O interesse por utilizar esta área como um instrumento de Educação Ambiental para os alunos do colégio e para as pessoas da comunidade surgiu principalmente pela proximidade do bosque ao colégio. A metodologia utilizada foi baseada na filosofia de educação participativa e construtivista. Para tanto foram realizadas inúmeras atividades com o intuito de promover um maior interesse dos alunos do colégio pelos problemas ambientais próximos a eles. Mutirões de coleta de lixo no bosque, palestras com temas ambientais, exposição de painéis e plantios de árvores foram apenas algumas das atividades realizadas no local para inteirar os alunos sobre a problemática ambiental. Dentre os resultados surgidos pelo trabalho, foi o despertar de um maior interesse dos alunos e da comunidade pelos temas ambientais. Alguns grupos de alunos começaram a se interessar tão mais seriamente pelo bosque e pelos problemas ambientais locais que foram estimulados a promover uma exposição de temas relacionados ao bosque, dentro do bosque, em uma feira de ciências do colégio. Dentre as conquistas mais significativas deste trabalho, destacou-se a aprovação de um projeto na Prefeitura Municipal de Curitiba para a estruturação desta área verde, que irá facilitar ainda mais a realização de atividades educativas e a visitação da comunidade. Todo o processo educativo é demorado e seus resultados são sentidos a longo prazo. Desta forma, o que se pôde realizar no período deste projeto serviu, não só para concretizar uma meta, mas também para iniciar uma outra etapa com a construção de novos valores na comunidade. Além disso, poderá servir também de exemplo e incentivo à implantação de outros projetos. (EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2001)

Felizmente, não é somente Curitiba ou o Paraná que se preocupam com o meio ambiente e a participação de alunos em projetos de preservação. Outras

idades e estados compreenderam que não só a consciência ecológica (e, por extensão, a social) deve ser ensinada aos alunos, tão logo estes começam a frequentar os bancos escolares, como esta ênfase na preservação dos recursos naturais do país deve continuar a ser estimulada durante toda a vida escolar do aluno, alcançando também a universidade. É o que demonstra o projeto **Convivência**. Desenvolvido no Rio Grande do Sul, este programa leva alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a trabalhar para recuperar a auto-estima dos cidadãos dos pequenos municípios existentes no entorno de Porto Alegre. O curso, sob a coordenação da professora Ana Braga, foi criado em 1996 pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRS.

A atuação comunitária 'é uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão', afirma a professora, que acompanha também projetos desenvolvidos em outras áreas. Alunos de medicina, farmácia, enfermagem e educação física, por exemplo, fazem parte das equipes dos centros de saúde nas regiões onde há problemas sérios de falta de pessoal. A convivência com os problemas sociais é a matriz da formação de profissionais mais bem capacitados, do ponto de vista humano, para atender às questões que o desafio social impõe. Há inúmeros exemplos. Alfabetização de adultos, apoio a assentamentos de sem-terras, atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco, atenção à terceira idade, resgate de culturas e hábitos de populações remanescentes de quilombos, recuperação de culturas agrícolas tradicionais... Uma infinidade de atividades estão sendo desenvolvidas a partir da inserção do estudante universitário na realidade brasileira. Não existe, ainda, um levantamento completo sobre o número de estudantes envolvidos em projetos do gênero. Os números do Programa Universidade Solidária, no entanto, apontam para uma atividade que vem crescendo e se firmando como um importante apoio na construção de uma sociedade melhor. (BRAGA, 2000, P. 49)

O grande objetivo de todo e qualquer projeto ambiental ou social, envolvendo ou não alunos de qualquer tipo de estabelecimento de ensino é, no final, a construção e a conservação de uma sociedade melhor, em todos os aspectos. Para que esta sociedade seja criada, contudo, é necessária a educação do povo em geral. E qual a melhor forma de educar uma pessoa, senão "atacar o problema" desde a raiz, isto é, desde o início da vida das pessoas? A vida escolar do indivíduo deixa, em geral, grandes marcas na personalidade deste, podendo determinar seu comportamento durante a vida adulta. A conscientização ecológica é apenas um aspecto dos problemas que o país enfrenta, mas pode ser o primeiro passo na busca de soluções para os demais. A adequação de uma simples ferramenta de ensino, os passeios educativos, pode, por sua vez, auxiliar a dar este primeiro passo.

4 METODOLOGIA

Para elaborar a monografia, a pesquisa realizar-se-á na cidade de Curitiba, nas escolas da Rede Municipal de Ensino, durante o período de fevereiro a maio de 2001. O universo pesquisado será composto por professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Ensino, da Cidade de Curitiba.

A amostra consistirá em professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, da **RME**, do Núcleo Regional de Educação Cajuru.

Para verificar as opiniões dos professores das Escolas Municipais de Ensino acerca da utilização dos passeios educativos para desenvolver a consciência ecológica nos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, decidiu-se empregar questionários padronizados, cujas questões abordassem o tema focado na pesquisa.

Uma vez que o questionário padronizado possibilita a compilação de uma vasta gama de dados simultaneamente, e num prazo relativamente curto, optou-se por esta forma de coleta de dados na elaboração da presente monografia.

O questionário aplicado aos professores do Núcleo Regional de Educação Cajuru consistiu em 14 perguntas fechadas versando sobre o tema da monografia. Foram submetidos 382 questionários, tendo sido respondidos 267, o que resulta em uma média de 70% dos professores contatados.

As perguntas 1, 2, 3 e 4, objetivavam estabelecer o perfil dos professores do Núcleo Regional de Educação Cajuru, bem como o grau de envolvimento destes com os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

As perguntas 5, 6, 12, 13 e 14, objetivavam verificar a opinião dos entrevistados sobre os passeios escolares com fins didáticos, sobre o apoio da **SME** a este tipo de atividade e o efeito dos passeios na compreensão dos conteúdos programáticos ministrados em sala de aula.

As perguntas 7, 8, 9, 10 e 11, objetivavam colher as opiniões dos questionados acerca do ensino de conceitos como ecologia e cidadania aos alunos. Visavam, também, verificar se o fato de Curitiba ser uma cidade turística influenciava, de alguma forma, no ensino dos conceitos mencionados acima.

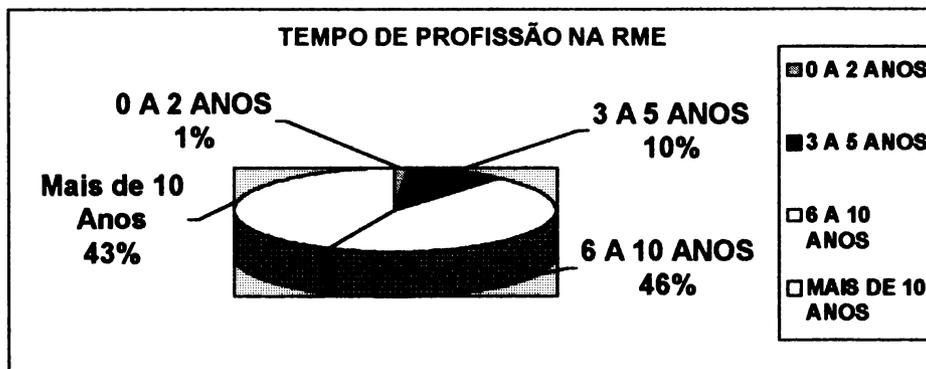
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A) Resultados do Questionário Aplicado às Professoras das Classes Iniciais do Ensino Fundamental das Escolas Municipais do Núcleo Regional de Educação Cajuru

Tabela 1 – Há quanto tempo você exerce a profissão de professora na RME?

TEMPO DE EXERCÍCIO DA PROFISSÃO	INCIDÊNCIA	FREQUÊNCIA
0 a 2 anos	4	1%
3 a 5 anos	26	10%
6 a 10 anos	121	46%
Mais de 10 anos	116	43%
TOTAIS	267	100%

GRÁFICO 1

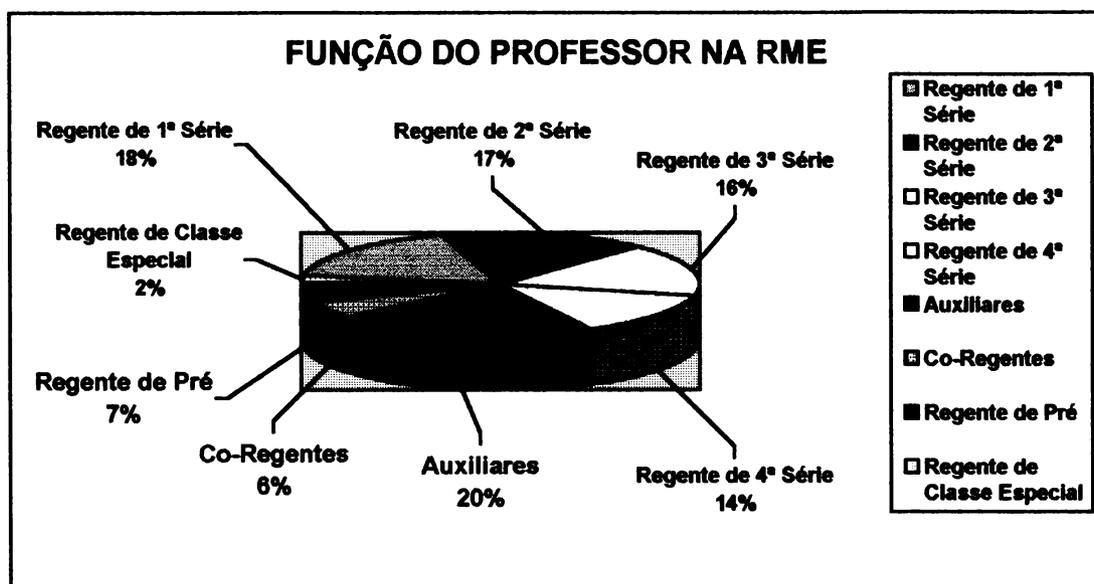


Verifica-se, na Tabela 1, que a maioria esmagadora (89%) das entrevistadas trabalha como professora na RME há mais de seis anos (de 6 a 10 anos: 46%; mais de dez anos: 43%). Isto confere lhes conhecimento de causa mais do que suficiente para opinarem sobre os temas abordados pelo questionário.

Tabela 2 – Qual a função que você exerce na escola?

QUAL A FUNÇÃO QUE VOCÊ EXERCE NA ESCOLA?	INCIDÊNCIA	FREQUÊNCIA
Regente da 1ª etapa do 1º ciclo (1ª série)	47	18%
Regente da 2ª etapa do 1º ciclo (2ª série)	45	17%
Regente da 1ª etapa do 2º ciclo (3ª série)	44	16%
Regente da 2ª etapa do 2º ciclo (4ª série)	37	14%
Auxiliar	56	20%
Co-regente	15	6%
Regente de Pré	18	7%
Regente de Classe Especial	5	2%
TOTAIS	267	100%

GRÁFICO 2

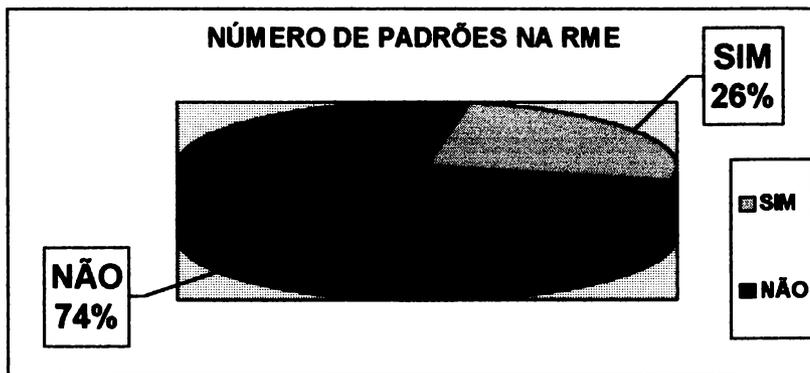


A Tabela 2 mostra que a maioria das entrevistadas (196 ou 74% do total) é regente de classe, passando um mínimo de 4h diárias com os alunos. As Co-regentes representam apenas 6% do total, enquanto as auxiliares somam 20% das entrevistadas. A menor porcentagem é representada pelas Regentes de Classe Especial, que trabalham com alunos com problemas de aprendizagem, mas que não necessitam ingressar numa escola especial. Como não existem dados precisos sobre o número de professoras que trabalham também pelo RIT, além de cumprir seu padrão habitual, conclui-se que muitas regentes de classe trabalham mais do que quatro horas com os alunos da RME.

Tabela 3 – Possui mais de 1 (um) padrão na Prefeitura Municipal de Curitiba?

Possui mais de 1 (um) padrão na Prefeitura Municipal de Curitiba?	INCIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA
SIM	69	26%
NÃO	198	74%
TOTAIS	267	100%

GRÁFICO 3

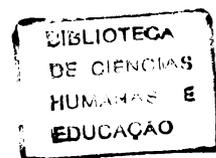
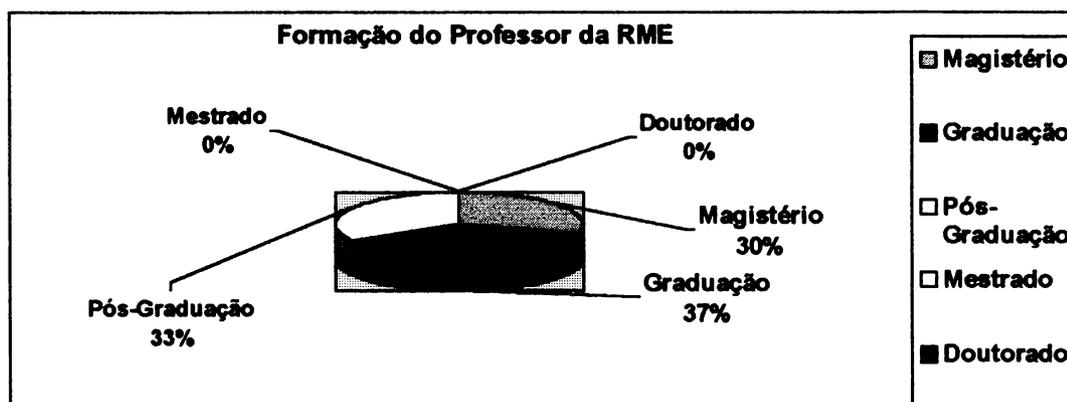


De acordo com a Tabela 3, a maior parte das entrevistadas (198 ou 74% do total) não possui mais de um padrão na RME. Apenas 26% (69) das professoras tem mais de um padrão. Acrescente-se que muitas professoras podem adotar o Regime Integral de Trabalho, o que eleva o número de horas de trabalho junto aos alunos da RME.

Tabela 4 – Qual a sua formação?

QUAL A SUA FORMAÇÃO?	INCIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA
Apenas o Magistério	79	30%
Graduação	99	37%
Pós-Graduação	89	33%
Mestrado	0	0%
Doutorado	0	0%
TOTAIS	267	100%

GRÁFICO 4



De acordo com a Tabela 4, existe um grande equilíbrio no grau de formação das professoras da RME. Ressalte-se que o fato de 33% das entrevistadas contarem com cursos de Pós-Graduação em seus currículos é um indicio de que a mentalidade do professorado está voltada para a busca de um contínuo aperfeiçoamento, o que resulta na melhoria do ensino como um todo, e numa maior compreensão, por parte da professora, dos problemas sociais, políticos e culturais que afetam o país.

Tabela 5 – Na Sua Opinião, as Professoras Fazem Bom Uso dos Passeios Educativos ao Longo do Ano Letivo?

USO DOS PASSEIOS EDUCATIVOS (OPINIÃO)	INCIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA
SIM	211	79%
NÃO	56	21%
TOTAIS	267	100%

GRÁFICO 5

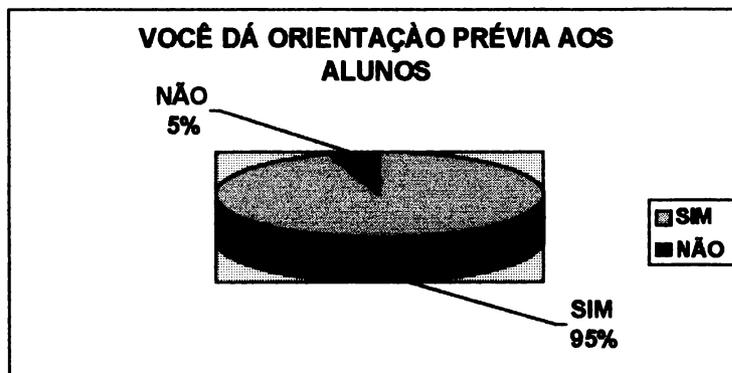


Os dados da Tabela 5 demonstram que as professoras (79% do total) consideram frutíferos os passeios educativos efetivados durante o ano letivo, o que permite deduzir que não deve haver rejeição a esta prática por parte destas educadoras. Entretanto, uma parcela nada desprezível destas professoras (21%) apresenta opinião contrária, o que pode indicar rejeição aos passeios ou insatisfação com a forma como estes são conduzidos.

Tabela 6 – Você, Professora, quando organiza um passeio, faz uma orientação prévia aos seus alunos? Eles já vão com um roteiro preestabelecido de pesquisa?

ORIENTAÇÃO PRÉVIA AOS ALUNOS	INCIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA
SIM	254	95%
NÃO	13	5%
TOTAIS	267	1005

GRÁFICO 6

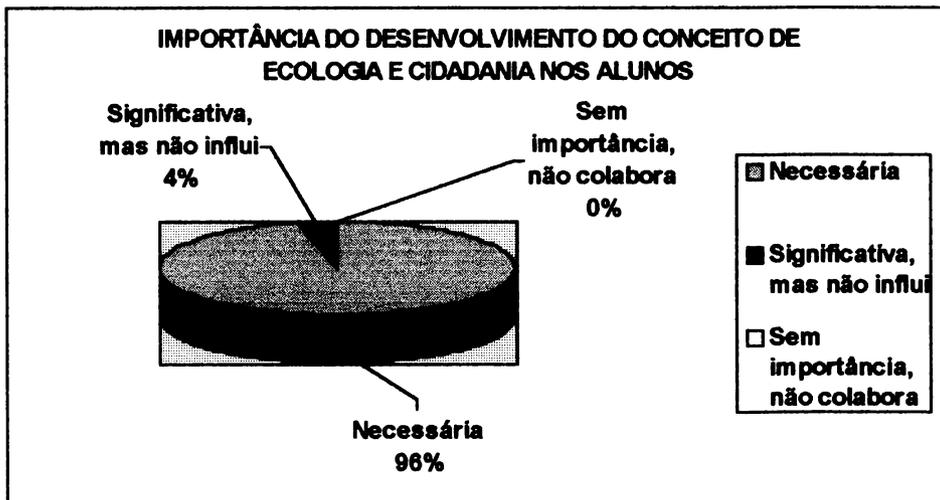


Com base nos dados da Tabela 6 é possível afirmar que praticamente a totalidade das professoras (95% do total) reconhecem a necessidade de um planejamento cuidadoso, de uma orientação prévia consistente aos alunos, para que o passeio educativo possa surtir o efeito didático desejado. Um bom roteiro de atividades evita que o passeio se torne um simples “piquenique”, que acaba servindo, geralmente, apenas como forma de extravasar a energia dos alunos, acumulada durante as muitas horas passadas em sala de aula.

Tabela 7 – Na Sua Opinião, Qual a Importância do Desenvolvimento do Conceito de Cidadania e Consciência Ecológica nos Alunos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental?

OPINIÃO SOBRE CONCEITO DE CIDADANIA E CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA	INCIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA
Necessária, pois é uma das funções da escola tornar o aluno um cidadão consciente	257	96%
Significativa, mas não influi no processo de ensino-aprendizagem dentro da escola	10	4%
Sem importância, pois em nada colabora com o trabalho feito na escola	0	0%
TOTAIS	267	100%

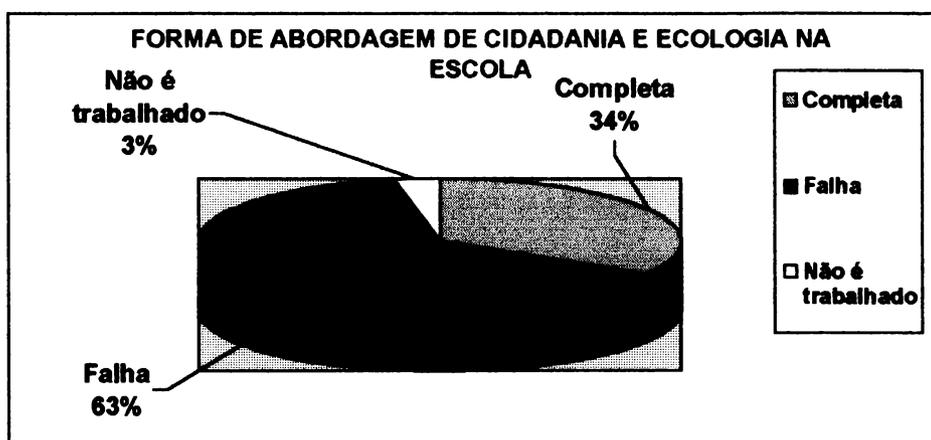
GRÁFICO 7



De acordo com a Tabela 7, as professoras consideram necessária a intervenção da escola do processo de formação do caráter do aluno, preparando-o, por exemplo, com a ênfase nos cuidados com o meio ambiente, para desempenhar um bom papel em nossa sociedade.

Tabela 8 – Na Sua Escola, Cidadania e Ecologia são trabalhados de forma:

CIDADANIA E ECOLOGIA NA ESCOLA	INCIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA
Completa, aproveitando todos os recursos possíveis	90	34%
Falha, pois faltam recursos e subsídios para trabalhar	169	63%
Não é trabalhado nada	8	3%
TOTAIS	267	100%

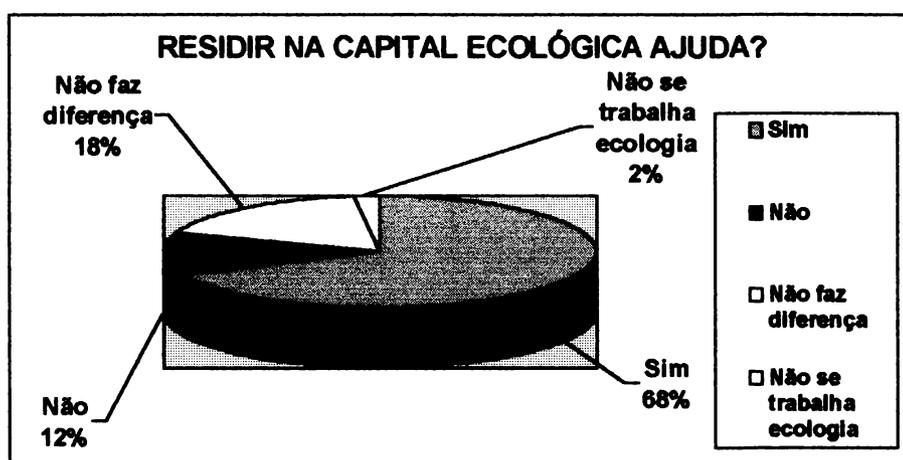


A Tabela 8 demonstra que a maioria das entrevistadas (63%) considera que o ensino dos conceitos de ecologia e cidadania não são trabalhados de forma adequada em suas escolas, principalmente devido à falta de recursos e subsídios para este fim. Entretanto, uma parcela realmente significativa (34% do total) das professoras considera que estes conceitos são bem trabalhados. Isto demonstra que estas professoras conseguem aproveitar muito bem os recursos de que dispõem, presumindo-se, assim, que conseguem realizar um bom trabalho com os conceitos mencionados.

Tabela 9 – O Fato de Residirmos na **Capital Ecológica**, Ajuda no Trabalho Referente à Ecologia?

A CAPITAL ECOLÓGIA E O TRABALHO REFERENTE À ECOLOGIA	INCIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA
SIM	182	68%
NÃO	33	12%
NÃO FAZ DIFERENÇA	47	18%
NÃO SE TRABALHA ECOLOGIA	5	2%
TOTAIS	267	100%

GRÁFICO 9

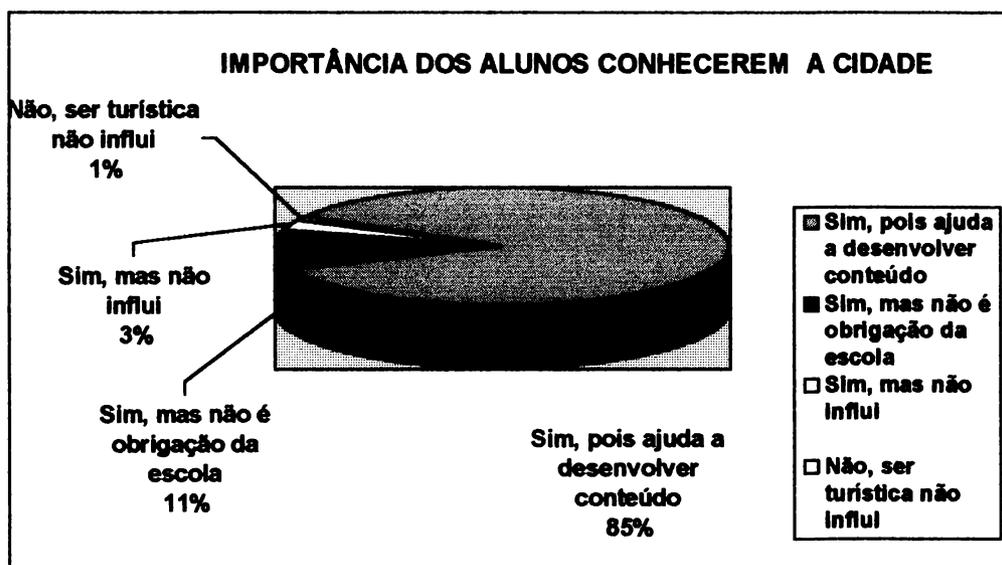


O exame dos dados da Tabela 9 mostra que 68% das entrevistadas considera que o fato dos alunos morarem na “Capital Ecológica” facilita o seu trabalho com relação à questão do meio ambiente. Por outro lado, 18% das professoras é de opinião que esta peculiaridade não influencia o trabalho do conceito de ecologia, enquanto que somente 12% das educadoras acha que o título de “Capital Ecológica” que a cidade ostenta não auxilia a trabalhar o conceito de ecologia. A pequena quantidade de professoras (2%) que relata que este conceito não é trabalhado em suas escolas confirma o exposto na Tabela 8, onde 3% das entrevistadas declarou que ecologia e cidadania não eram abordados em suas escolas.

Tabela 10 – Curitiba é uma Cidade Turística. Você Acha Importante que os Alunos Tomem Conhecimento do Assunto, bem como Conheçam, ao Longo da Vida Escolar, os Pontos Atrativos da Cidade, sua História e Importância?

IMPORTÂNCIA DE CONHECEREM CURITIBA COMO CIDADE TURÍSTICA	INCIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA
Sim, pois além dos alunos conhecerem a cidade onde vivem, o turismo pode ajudar no desenvolvimento de conteúdos fundamentais na escola	228	85%
Sim, embora não seja obrigação da escola	29	11%
Sim, mas não influi no trabalho em sala de aula	7	3%
Não, os conteúdos não envolvem o fato da cidade ser ou não turística	3	1%
TOTAIS	267	100%

GRÁFICO 10

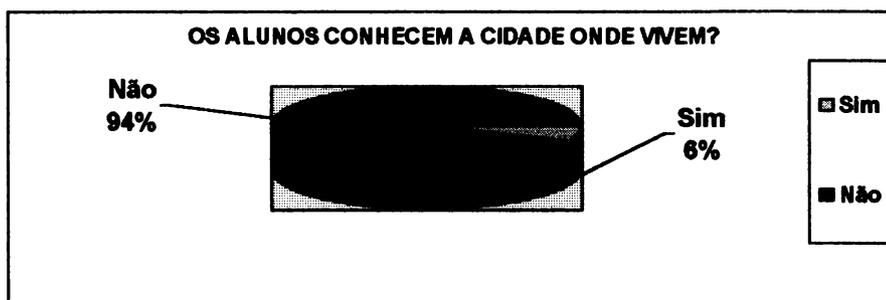


A Tabela 10 demonstra que a quase totalidade das professoras (99%) é de opinião que os alunos devem tomar consciência da importância de sua cidade ser um polo turístico. A maior parte das entrevistadas (85%) acredita que esta conscientização ajuda a desenvolver os conteúdos fundamentais ministrados na escola. Uma pequena parcela das professoras (11%) opina que tal conscientização, contudo, não é obrigação da escola. Apenas 3% das professoras acredita que essa conscientização não influencia no trabalho em sala de aula, enquanto que somente 1% das questionadas pensa que o fato da cidade ser turística não tem correlação com os conteúdos da escola.

Tabela 11 – Você Acha que os Alunos da sua Escola Conhecem a Cidade Onde Vivem?

OS ALUNOS CONHECEM A CIDADE ONDE VIVEM?	INCIDÊNCIA	FREQUÊNCIA
SIM	17	6%
NÃO	250	94%
TOTAIS	267	100%

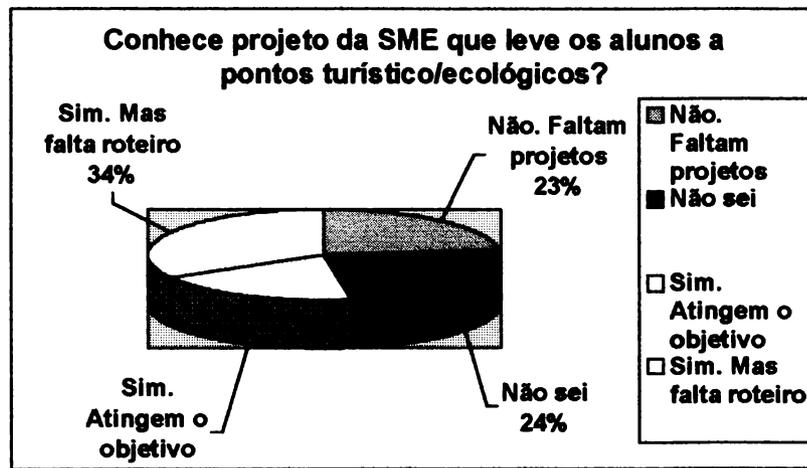
GRÁFICO 11



Os dados da Tabela 11 demonstram que quase todas as professoras (94%) consideram que seus alunos desconhecem a cidade onde vivem. Somente 6% das entrevistadas são de opinião que os alunos conhecem realmente Curitiba.

Tabela 12 – A SME Tem Algum Projeto para as Escolas, Envolvendo o Deslocamento dos Alunos aos Pontos Turísticos e Ecológicos de Curitiba?

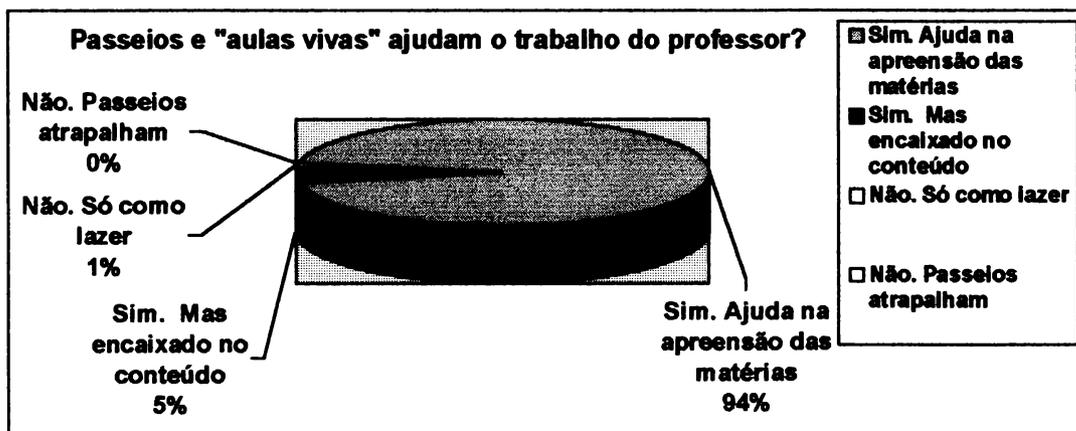
A SME E O DESLOCAMENTO DOS ALUNOS AOS PONTOS TURÍSTICOS/ECOLÓGICOS	INCIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA
NÃO, FALTAM PROJETOS	62	23%
NÃO SEI	65	24%
SIM, OS PROJETOS SÃO SATISFATÓRIOS	51	19%
SIM, MAS SEM ROTEIRO DE ATIVIDADES	89	34%
TOTAIS	267	100%



Os resultados apresentados pela Tabela 12 mostram que um total de 140 (53%) professoras responderam conhecer projetos da SME envolvendo o deslocamento de alunos aos pontos turísticos e ecológicos da cidade. Algumas destas professoras (51 ou 19%) acham que os projetos atingem o objetivo a que se destinam. Outras (89 ou 34%) reconhecem a existência de tais projetos, mas queixam-se da falta de um roteiro de atividades a serem desenvolvidas no local visitado. Surpreende o grande número de entrevistadas (65 ou 24% do total) que declarou não conhecer projetos deste tipo. Por fim, 62 professoras (23% do total) opinaram que existe falta de projetos da SME neste sentido.

Tabela 13 – Na Sua Opinião, Você Acha que Passeios, com Roteiros de Lugares, Atividades e Conteúdos a Serem Desenvolvidos em Cada Local, Tornando o Deslocamento dos Alunos uma “Aula Viva”, Envolvendo Conceitos Básicos, desde Cidadania e Ecologia até a Importância da Cidade ser Turística, Podem Ajudar no Trabalho do Professor em Sala de Aula?

PASSEIOS ESTILO “AULA VIVA” AJUDAM O TRABALHO EM SALA DE AULA?	INCIDÊNCIA	FREQUÊNCIA
Sim, pois além de fazer a integração entre a teoria e a prática, acredito que a vivência do conteúdo ajuda na sua apreensão	251	94%
Sim, mas só se for possível encaixar no conteúdo a ser desenvolvido na escola	13	5%
Não, mas se não atrapalhar os conteúdos desenvolvidos em sala, podem ser feitos como forma de lazer	3	1%
Não, pois todas as atividades extra-classe atrapalham o cumprimento dos conteúdos	0	0%
TOTAIS	267	100%

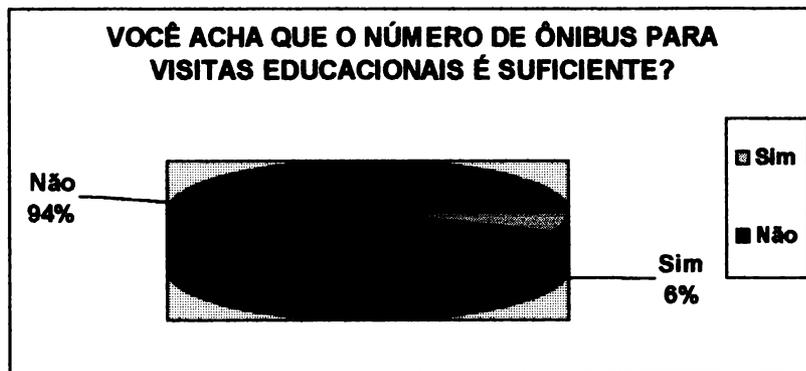


Os dados da Tabela 13 demonstram que praticamente todas as entrevistadas (99% do total) concordam que a prática da “aula viva”, envolvendo passeios, roteiros preestabelecidos e abordagem de cidadania e ecologia, ajuda no trabalho a ser desenvolvido em sala de aula. Destas, 94 % consideram que a vivência do conteúdo auxilia na apreensão do mesmo pelos alunos, enquanto 5% acreditam na eficácia da “aula viva” mas somente “encaixando-a no conteúdo a ser desenvolvido, em sala de aula. Somente 1% opinou que as “aulas vivas” não ajudam o trabalho em sala de aula, podendo ser realizadas apenas como forma de lazer, se não atrapalharem ao desenvolvimento dos conteúdos desenvolvidos em sala.

Tabela 14 – Você Acha que o Número de Ônibus, Para Cada Escola, Destinado às Visitas Educacionais, é Suficiente?

O NUMERO DE ÔNIBUS É SUFICIENTE?	INCIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA
SIM	17	6%
NÃO	250	94%
TOTAIS	267	100%

GRÁFICO 14



A Tabela 14 mostra que as professoras, na sua grande maioria (250 ou 94% do total) acham que o número dos ônibus reservados para os passeios escolares a pontos turísticos e ecológicos, destinados a cada escola, não é fornecido em número suficiente. Uma pequena parcela (17 ou 6% do total) considera o número de ônibus adequado.

B) Discussão dos Resultados

Os dados contidos nas tabelas 1 a 4 permite definir o perfil da professora da **RME** e determinar o grau de envolvimento desta com os alunos da séries iniciais do Ensino Fundamental. Assim, o perfil que surge é o de uma professora que trabalha na **RME** há mais de seis anos (46% do total entre seis e dez anos e 43% há mais de 10 anos), é Regente de Classe (74% do total de entrevistadas), ou seja, é a “titular” da classe, possui apenas um padrão na **RME** (74% das pesquisadas) e conta com Graduação, Magistério ou Pós-Graduação (37%, 30% e 33%, respectivamente).

O grande período de trabalho, mais de seis anos demonstra a experiência das professoras da **RME**, estando acostumadas a realizar muitos passeios educativos com os alunos, por ser a Regente de Classe. O seu padrão garante uma convivência mínima de quatro horas diárias com os alunos, o que reforça a hipótese de que elas os conhecem muito bem e sabem das potencialidades dos mesmos. Apesar da formação escolar das educadoras ter apresentado uma certa homogeneidade, não se pode deixar de reparar no grande número delas que possui Pós-Graduação (33%), o que significa um preparo profissional cada vez melhor e capacidade de compreender os problemas sociais do país.

Os dados das tabelas 5, 6, 12, 13 e 14 mostram que as professoras consideram benéficos os passeios educativos, o que indica aprovação por parte delas a esta prática. Mostra, também, que a quase totalidade das educadoras consideram imprescindível a elaboração, o planejamento de um roteiro de atividades a serem desenvolvidas nos locais de visitação, para que se possa extrair o máximo proveito dos passeios educativos. As professoras, em geral, conhecem projetos da **RME** que envolvem o deslocamento dos alunos aos locais de interesse didático, com boa parte delas (34% do total) queixando-se da falta de um roteiro de atividades. Algumas declararam não conhecer projetos dessa natureza (24%), o que pode indicar que falta uma melhor divulga o desses projetos por parte da **RME**. Os dados demonstram, também, que a maioria esmagadora das professoras apoia a prática da “aula viva” e acham que ela ajuda a fixar melhor os conteúdos programáticos. Segundo elas, passeios educativos que envolvam roteiros preestabelecidos, que abordem aspectos de cidadania, são positivos para o

processo de ensino-aprendizagem. É opinião da maioria delas, também, que o número de ônibus colocados à disposição das escolas pela **RME**, para a prática do passeio educativo, é insuficiente.

De acordo com as tabelas 7, 8, 9, 10 e 11, as professoras são de opinião que a escola deve auxiliar no processo de formação do caráter do aluno, preparando-o para desempenhar um papel ativo na nossa sociedade. Para a maioria delas (63%), conceitos como cidadania ou ecologia não são trabalhados adequadamente nas suas escolas devido, principalmente, à falta de recurso e subsídios para tal tarefa. Como, porém, 34% das professoras consideraram que os conceitos são bem trabalhados, isto pode significar que, mesmo sem muitos recursos, elas conseguem utilizar o pouco que têm para realizar um bom trabalho. Apesar da grande maioria das entrevistadas (68%) considerarem que o fato de Curitiba ser a “Capital Ecológica” as auxilia a abordar temas sobre ecologia, percebe-se que, infelizmente, em 2% das escolas não é ensinado nada com respeito a ecologia e cidadania. As professoras (98% delas) consideram importante que os alunos da RME conheçam a cidade onde vivem, e que esta é um pólo turístico de grande importância. Segundo elas, a conscientização dos alunos sobre a “Capital Ecológica” auxilia na compreensão dos conteúdos sobre o assunto, ministrados em sala de aula. Como as professoras da RME conhecem muito bem seus alunos, pode-se dar crédito à afirmação que fazem (94% do total de pesquisadas) de que os alunos da RME não conhecem a cidade onde vivem. Em virtude deste desconhecimento da cidade por parte dos alunos, e do fato da conscientização sobre a Curitiba turística e ecológica auxiliar na fixação dos conteúdos programáticos, as professoras consideram (94%) que o número de ônibus, posto pela **SME** à disposição das escolas para os passeios escolares educativos, é insuficiente para atingir o objetivo ao qual se destinam.

6 CONCLUSÕES

O objetivo geral desta monografia foi verificar a opinião dos professores da RME sobre a importância da conscientização dos alunos acerca da preservação do patrimônio natural da cidade de Curitiba. Acredita-se que o objetivo foi alcançado, levando-se em conta o que ficou demonstrado pela análise do questionário aplicado às professoras da RME, no qual a maioria esmagadora das entrevistadas não somente considerou importantíssimo o desenvolvimento desta conscientização nos alunos, mas que a escola precisa esforçar-se para tornar o aluno um cidadão consciente dos problemas de sua cidade.

Em relação ao objetivo de verificar se os professores da RME conhecem projetos da SME sobre a participação de alunos da RME na preservação do meio ambiente, conclui-se que o mesmo foi atingido, pois os dados da pesquisa mostraram que a metade das professoras (53%) conhece tais projetos. Entretanto, ficou demonstrado que somente uma pequena parcela delas (19%) considera que tais projetos atingem seus objetivos. Algumas declararam conhecer os projetos, mas queixaram-se da falta de um roteiro de atividades a serem desenvolvidas no local de visitação. Surpreendente, o número de professoras que declarou não conhecer nenhum projeto da SME neste sentido foi razoavelmente alto (65 professoras ou 24% do total). Isto permite concluir que os projetos realmente existem e que as professoras, em geral, os conhecem. Entretanto, talvez esteja faltando uma divulga o mais ampla dos mesmos, por parte da SME, junto às escolas da Rede Municipal de Ensino.

Com rela o ao objetivo de verificar a opinião dos professores da RME sobre os benefícios/prejuízos acarretados pelos passeios educativos ao ensino dos conteúdos programáticos dados em sala de aula, presume-se que o mesmo tenha sido alcançado, uma vez que os dados demonstram, indubitavelmente, que a quase totalidade das professoras (99% do total) reconhecem que os passeios escolares educativos que abordam temas como ecologia, auxiliam no trabalho desenvolvido em sala de aula, **se contarem com roteiros preestabelecidos adequados**, uma vez que ajudam os alunos a alcançar uma melhor compreensão dos conteúdos programáticos. Conclui-se, portanto, que os passeios escolares são uma ferramenta

didática poderosa, posta à disposição das professoras em seu trabalho educativo, ressaltando-se sempre a necessidade destes passeios serem cuidadosamente planejados, para que possam surtir o efeito desejado.

Finalmente, com relação à hipótese do trabalho, conclui-se que seja verdadeira, pois a pesquisa mostrou que, durante o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, a criança apresenta um resultado muito melhor quando participa ativamente na apropriação do objeto do conhecimento. Os passeios educativos que enfocam a defesa da natureza permitem aos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental uma participação ativa na tentativa de encontrar soluções para este problema específico de sua comunidade. Assim, ao participar de palestras sobre ecologia, auxiliar em mutirões para retirada de lixo de parques, bosques ou praças, o aluno entra em contato direto com a sociedade onde vive, desenvolvendo a consciência de que precisa, bem ou mal, desempenhar um papel ativo nesta sociedade.

Com base nos resultados da pesquisa, conclui-se pela necessidade da Secretaria Municipal de Ensino realizar, se considerar conveniente, uma pesquisa mais ampla e mais profunda, no sentido de captar as sugestões das professoras sobre melhorias na forma de realização dos passeios educativos, bem como avaliar as reais condições físicas e estruturais destes, como a falta de roteiros elaborados para este fim, número de ônibus disponíveis e materiais de apoio (cartazes, sacos de lixo e/ou mudas de plantas, entre outras).

Conclui-se, finalmente, pela necessidade de um esforço conjunto das partes que compõem a área de educação do Município, no sentido de analisar detalhadamente todos os aspectos que envolvem a realização dos passeios escolares da RME, para transformá-los num apoio valioso à tarefa da escola de conscientizar os alunos sobre a importância de Curitiba como cidade turística e da necessidade de preservar-lhe o patrimônio.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem Azevedo. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 23ª ed. São Paulo : Cortez, 1989. **Coleção Polêmicas de Nosso Tempo**.
- ANDRADE, José Vicente de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. 6ª ed. São Paulo : Ática, 1999.
- ANGELI, Margarita N. Baretto. *Planejamento e organização em turismo*. Campinas: Papirus, 1991. **Coleção Turismo**.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 4ª ed. rev. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- BRAGA, Ana. Lições de cidadania. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Revista do Provão**, 2000. Anual.
- CAMARGO, Paulo Roberto. Curitiba: capital do bem viver. **Revista da Ticket**, Curitiba, n.º 33, nov. 2000.
- CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **A vida na escola e a escola da vida**. 24ª ed. Petrópolis: Vozes-IDAC, 1992.
- CURITIBA. Currículo básico da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: Compromisso permanente para a melhoria da qualidade do ensino na escola pública. Secretaria Municipal da Educação. **Prefeitura Municipal de Curitiba**, 1997.
- . **Legislação Ambiental**. Preservação do meio ambiente Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/solucoes/meio/legislacao_ambiental.html> Acesso em: 21 maio 2001.
- DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FAGALI, Eloísa Quadros; VALE, Zélia Del Rio do. **Psicopedagogia institucional aplicada**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FENIANOS, Eduardo Emílio; MENDONÇA, Maí Nascimento. Linha Pinhão: pegadas da memória; roteiro cultural histórico para conhecer Curitiba a pé. Curitiba: **Prefeitura Municipal** , 1996. 61 p. il.

GADOTTI, Marilda Elisabeth (Coord.). **Paraná turístico: uma interpretação didática.** Curitiba : Governo do Paraná – Secretaria da Indústria e do Comércio – **Paranatur**, fev. 1978.

GOMIDE, M. R. **Noções elementares de Turismo.** São Paulo : FTD, 1972.

PARANÁ. **Guia Técnico de Turismo.** 6ª ed. rev. ampl. Curitiba, set. 1997.

PUGLIESI, Irondi. Em defesa da vida. *Revista fiscal: econômico e tributário.* Circulação Nacional. **Edição Brasil 500 anos**, maio 2000.

SANTOS, Carlos Eduardo. Da sala de aula para a Baía. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Revista do Provão**, 2000. Anual.

VIGOTSKY, Lev Seminovitch. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo : Martins Fontes, 1988.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica:** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ANEXOS

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO A SER APLICADO ÀS PROFESSORAS DAS CLASSES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO CAJURU

Instruções para preenchimento:

- a. O presente questionário objetiva colher dados para a elaboração de trabalho científico, versando sobre o tema **Turismo Escolar e Conscientização Ecológica e Desenvolvimento da Cidadania nas Escolas da Rede Municipal de Ensino**.
- b. Leia com atenção.
- c. Suas respostas receberão tratamento sigiloso, sendo desnecessária a sua identificação.
- d. Agradecemos, desde já, pela colaboração.
- e. Marque sempre uma única alternativa.

1) Há quanto tempo você exerce a profissão de professora na **RME**?

- 0 a 2 anos
 3 a 5 anos
 6 a 10 anos
 mais de 10 anos

2) Qual a função que você exerce na escola?

- Regente da 1ª etapa do 1º ciclo (1ª série)
Regente da 2ª etapa do 1º ciclo (2ª série)
Regente da 1ª etapa do 2º ciclo (3ª série)
Regente da 2ª etapa do 2º ciclo (4ª série)

3) Possui mais de 1 (um) padrão na Prefeitura Municipal de Curitiba?

- Sim
 Não

4) Qual a sua formação?

- Apenas o Magistério
 Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

5) Na sua opinião, as professoras fazem bom uso dos passeios educativos ao longo do ano letivo?

- Sim Não

6) Você, professora, quando organiza um passeio, faz uma orientação prévia aos seus alunos? Eles já vão com um roteiro preestabelecido de pesquisa?

- Sim Não

7) Na sua opinião, qual a importância do desenvolvimento do conceito de cidadania e consciência ecológica nos alunos das séries iniciais do ensino fundamental?

-) Necessária, pois é uma das funções da escola tornar o aluno um cidadão consciente.
-) Significativa, mas não influi no processo de ensino-aprendizagem dentro da escola.
-) Sem importância, pois em nada colabora com o trabalho feito na escola.

8) Na sua escola, **cidadania e ecologia** são trabalhados de forma:

-) Completa, aproveitando todos os recursos possíveis.
-) Falha, pois faltam recursos e subsídios para trabalhar.
-) Não é trabalhado nada.

9) O fato de residirmos na **Capital Ecológica**, ajuda no trabalho referente à ecologia?

-) Sim.
-) Não.
-) Não faz diferença.
-) Não se trabalha ecologia.

10) Curitiba é uma cidade turística. Você acha importante que os alunos tomem conhecimento do assunto, bem como conheçam, ao longo da vida escolar, os pontos atrativos da cidade, sua história e importância?

-) Sim, pois além dos alunos conhecerem a cidade onde vivem, o turismo pode ajudar no desenvolvimento dos conteúdos fundamentais na escola.
-) Sim, mas tal tarefa não se torna obrigação da escola.
-) Sim, porém não influi no trabalho em sala de aula.
-) Não, os conteúdos não envolvem o fato da cidade, onde vivem os alunos, ser turística ou não.

11) Você acha que os alunos da sua escola conhecem a cidade onde vivem?

-) Sim.
-) Não.

12) A **SME** tem algum projeto para as escolas, envolvendo o deslocamento dos alunos aos pontos turísticos e ecológicos de Curitiba?

-) Não, faltam projetos desse âmbito para que possam ajudar no trabalho em sala de aula.
-) Não sei.
-) Sim, os projetos oferecidos completam de forma satisfatória os objetivos do ensino-aprendizagem.
-) Sim, mas é mal aproveitado por não oferecerem ao professor, um roteiro de atividades a serem desenvolvidas no local.

- 13) Na sua opinião, você acha importante que os passeios, com roteiros de lugares, atividades e conteúdos a serem desenvolvidos em cada local, tornando o deslocamento dos alunos uma “aula viva”, envolvendo conceitos básicos, desde cidadania e ecologia até a importância da cidade ser turística, podem ajudar no trabalho do professor em sala de aula?
- () Sim, pois além de fazer a integração entre a teoria e a prática, acredito que a vivência do conteúdo ajuda na sua apreensão.
 - () Sim, mas só se for possível encaixar no conteúdo a ser desenvolvido na escola.
 - () Não, mas se não atrapalhar os conteúdos desenvolvidos em sala, podem ser feitos como forma de lazer.
 - () Não, pois as atividades extra-classe atrapalham o cumprimento dos conteúdos.
- 14) Você acha que o número de ônibus, para cada escola, destinado às visitas educacionais, é suficiente?
- () Sim.
 - () Não.

ANEXO 2 – TABULAÇÃO DO QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PROFESSORAS DAS CLASSES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO CAJURU

Instruções para preenchimento:

f. O presente questionário objetiva colher dados para a elaboração de trabalho científico, versando sobre o tema **Turismo Escolar e Conscientização Ecológica e Desenvolvimento da Cidadania nas Escolas da Rede Municipal de Ensino**.

g. Leia com atenção.

h. Suas respostas receberão tratamento sigiloso, sendo desnecessária a sua identificação.

i. Agradecemos, desde já, pela colaboração.

j. Marque sempre uma única alternativa.

1) Há quanto tempo você exerce a profissão de professora na **RME**?

(4 = 1%) 0 a 2 anos

(26 = 10%) 3 a 5 anos

(121 = 45%) 6 a 10 anos

(116 = 44%) mais de 10 anos

2) Qual a função que você exerce na escola?

() Regente da 1ª etapa do 1º ciclo (1ª série)

() Regente da 2ª etapa do 1º ciclo (2ª série)

() Regente da 1ª etapa do 2º ciclo (3ª série)

() Regente da 2ª etapa do 2º ciclo (4ª série)

() Auxiliar

() Co-regente

() Regente de Pré

3) Possui mais de 1 (um) padrão na Prefeitura Municipal de Curitiba?

(69 = 26%) Sim

(198 = 74%) Não

4) Qual a sua formação?

(79 = 30%) Apenas o Magistério

(99 = 37%) Graduação

(89 = 33%) Pós-Graduação

(0 = 0%) Mestrado

(0 = 0%) Doutorado

5) Na sua opinião, os professores fazem bom uso dos passeios educativos ao longo do ano letivo?

(211 = 79%) Sim (56 = 21%) Não

6) Você, professora, quando organiza um passeio, faz uma orientação prévia aos seus alunos? Eles já vão com um roteiro preestabelecido de pesquisa?

(250 = 94%) Sim (17 = 6%) Não

7) Na sua opinião, qual a importância do desenvolvimento do conceito de cidadania e consciência ecológica nos alunos das séries iniciais do ensino fundamental?

(257 = 96%) Necessária, pois é uma das funções da escola tornar o aluno um cidadão consciente.

(10 = 4%) Significativa, mas não influi no processo de ensino-aprendizagem dentro da escola.

(0 = 0%) Sem importância, pois em nada colabora com o trabalho feito na escola.

8) Na sua escola, **cidadania e ecologia** são trabalhados de forma:

(90 = 34%) Completa, aproveitando todos os recursos possíveis.

(169 = 63%) Falha, pois faltam recursos e subsídios para trabalhar.

(8 = 3%) Não é trabalhado nada.

9) O fato de residirmos na **Capital Ecológica**, ajuda no trabalho referente à ecologia?

(182 = 68%) Sim.

(33 = 12%) Não.

(47 = 18%) Não faz diferença.

(5 = 2%) Não se trabalha ecologia.

10) Curitiba é uma cidade turística. Você acha importante que os alunos tomem conhecimento do assunto, bem como conheçam, ao longo da vida escolar, os pontos atrativos da cidade, sua história e importância?

(228 = 85%) Sim, pois além dos alunos conhecerem a cidade onde vivem, o turismo pode ajudar no desenvolvimento dos conteúdos fundamentais na escola.

(29 = 11%) Sim, mas tal tarefa não se torna obrigação da escola.

(7 = 3%) Sim, porém não influi no trabalho em sala de aula.

(3 = 1%) Não, os conteúdos não envolvem o fato da cidade, onde vivem os alunos, ser turística ou não.

11) Você acha que os alunos da sua escola conhecem a cidade onde vivem?

(17 = 6%) Sim.

(250 = 94%) Não.

12) A **SME** tem algum projeto para as escolas, envolvendo o deslocamento dos alunos aos pontos turísticos e ecológicos de Curitiba?

(62 = 23%) Não, faltam projetos desse âmbito para que possam ajudar no trabalho em sala de aula.

(65 = 25%) Não sei.

(51 = 19%) Sim, os projetos oferecidos completam de forma satisfatória os objetivos do ensino-aprendizagem.

(89 = 33%) Sim, mas é mal aproveitado por não oferecerem ao professor, um roteiro de atividades a serem desenvolvidas no local.

13) Na sua opinião, você acha que passeios, com roteiros de lugares, atividades e conteúdos a serem desenvolvidos em cada local, tornando o deslocamento dos alunos uma “aula viva”, envolvendo conceitos básicos, desde cidadania e ecologia até a importância da cidade ser turística, podem ajudar no trabalho do professor em sala de aula?

(251 = 94%) Sim, pois além de fazer a integração entre a teoria e a prática, acredito que a vivência do conteúdo ajuda na sua apreensão.

(13 = 5%) Sim, mas só se for possível encaixar no conteúdo a ser desenvolvido na escola.

(3 = 1%) Não, mas se não atrapalhar os conteúdos desenvolvidos em sala, podem ser feitos como forma de lazer.

(0 = 0%) Não, pois as atividades extra-classe atrapalham o cumprimento dos conteúdos.

14) Você acha que o número de ônibus, para cada escola, destinado às visitas educacionais, é suficiente?

(17 = 6%) Sim.

(250 = 94%) Não.

OBSERVAÇÕES:

N.º de escolas pesquisadas (Núcleo Regional de Educação Cajuru) — 13.

N.º total de questionários enviados — 382.

N.º total de questionários respondidos — 267 (70% do total).

ANEXO 3 – RELAÇÃO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS (PERTENCENTES AO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO REGIONAL CAJURU) CUJOS PROFESSORES PARTICIPARAM DA PESQUISA

- 1) Escola Municipal Omar Sabbag — Ensino Fundamental — Rua Pedro Bocchino, 140.
- 2) Escola Municipal (Centro de Educação Integrada) Issa Nacli — Ensino Fundamental — Rua Capitão Leônidas Marques, 6.480.
- 3) Escola Municipal Dona Lula — Ensino Fundamental — Rua Elias Moyses Schelela, 570.
- 4) Escola Municipal Irati — Ensino Fundamental — Avenida Jornalista Aderbal G. Stresser, 651.
- 5) Escola Municipal Prefeito Linneu Ferreira do Amaral — Ensino Fundamental — Rua Roraima, 568.
- 6) Escola Municipal (Centro de Educação Integrada) Eva da Silva — Ensino Fundamental — Rua Frederico Stadler Júnior, 234.
- 7) Escola Municipal (Centro de Educação Integrada) Ritta Anna de Cássia — Ensino Fundamental — Rua Fortaleza, n.º .
- 8) Escola Municipal Guilherme L. Braga Sobrinho — Rua Simão Brante, 1.735.
- 9) Escola Estadual Ayrton Senna da Silva — Ensino Fundamental — Rua Antônio Moreira Lopes, 1.301.
- 10) Escola Estadual Elza Lerner — Ensino Fundamental — Rua Luiz França, s/n.º.
- 11) Escola Municipal Marumbi — Ensino Fundamental — Rua Francisco Licners Ki, s/n.º.
- 12) Escola Municipal Coronel Durival de Britto e Silva — Ensino Fundamental — Rua Emílio Bertolini, 44.
- 13) Escola Municipal Michel Khury — Ensino Fundamental — Rua Avelino Mantovani, 430.